

**PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS**

AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
**PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL**

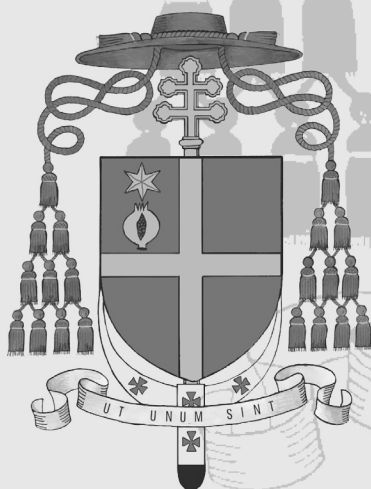
AUTORIZAÇÃO DE 06332006ATO/RSC

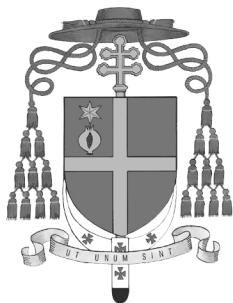


TAXA PAGA
PORTUGAL
MAXIMINOS-BRAGA

ação católica

ÓRGÃO OFICIAL DA ARQUIDIOCESE DE BRAGA





ação católica



**ÓRGÃO
OFICIAL
DA ARQUIDIOCESE
DE BRAGA**

Director

P. Domingos da Silva Araújo

Proprietária e Editora

Arquidiocese de Braga
NIPC 500 793 018

Redação

Casa Sacerdotal
Rua de S. Domingos, 109
4710-435 Braga
Telef. 253 205 200
914 574 913

E-mail: silvaaraujo@diocese-braga.pt

Administração

Serviços Centrais da Arquidiocese de Braga
Rua de S. Domingos, 94 B
4710-435 Braga
Telefone 253 203 180
Fax 253 203 190

Preço

Assinatura anual 25,00 €
Número avulso 5,00 €

Composição e impressão

Empresa do Diário do Minho
Limitada
Rua de Santa Margarida, 4
4710-306 Braga

Tiragem

770 exemplares

Depósito Legal

N.º 1712/83

Número de inscrição no ICS:

100 305

SUMÁRIO

Apresentação 413

1. TEMA DO MÊS

O padre e a misericórdia 417

2. IGREJA DIOCESANA

1 – Dos nossos Pastores

Olhares sobre a política 429

Olhares sobre a família 431

A nova cátedra da Misericórdia 434

24 horas para o Senhor 438

A hospitalidade que desinstala

o comodismo 439

Conta no Twitter 443

Atividades pastorais:

março/2015

D. Jorge 444

D. Francisco Senra 445

2 – Serviços Centrais

Centro Missionário Arquidiocesano

de Braga 449

Comissão Administrativa 451

Provisões a corpos gerentes 452

Notícias diversas 455

3 – Programa Pastoral

Informações diversas 457

Agenda para maio 459

4 – Clero e Seminários

Nomeações eclesiais 461

Notícias diversas 462

continuação do índice no verso da contra-capá

Apres

sentação

Apresentação

Escolhemos para tema do mês um discurso do Papa Francisco aos párocos da diocese de Roma, sobre a misericórdia.

A misericórdia é igualmente tema noutros textos que publicamos do Santo Padre: o Ano Santo da Misericórdia e um discurso proferido pelo Papa Francisco, em 12 de março, aos participantes num curso promovido pelo Tribunal da Penitenciaría Apostólica, destinado a ajudar os novos sacerdotes e os candidatos à Ordem sagrada a administrar corretamente o Sacramento da Reconciliação.

Publicamos ainda, do Papa Francisco, uma carta ao presidente da Comissão Internacional contra a Pena de Morte e um discurso sobre a assistência aos idosos e os cuidados paliativos.

Do senhor D. Jorge publicamos discursos proferidos no Auditório Vita a propósito dos encontros «Olhares sobre a Política» e «Olhares sobre a Família».

Publicamos também as homilias feitas em 21 março em S. Bento da Porta Aberta e em Domingo de Ramos.

Deste santuário, elevado a Basílica Menor, apresentamos informação pormenorizada.

Recordamos Mons. António Araújo Costa, de quem se celebra este ano o centenário do nascimento.

O Diretor

1.

Tema do Mês

O padre e a misericórdia

Discurso do Papa Francisco aos párocos da diocese de Roma, sobre a misericórdia, proferido em 06 de março de 2014 na Sala Paulo VI.

Quando, juntamente com o Cardeal Vigário, pensamos neste encontro, eu disse-lhe que poderia preparar-vos uma meditação acerca do tema da misericórdia. No início da Quaresma far-nos-á bem meditar juntos, como sacerdotes, a propósito da misericórdia. E também para os fiéis, porque como pastores devemos ter muita misericórdia, muita!

O trecho do Evangelho de Mateus que ouvimos faz-nos dirigir o olhar para Jesus que caminha pelas estradas das cidades e dos povoados. E isto é curioso! Qual é o lugar onde se via Jesus mais frequentemente, onde era possível encontrá-lo com maior facilidade? Pelas estradas. Podia dar a impressão de ser um desabrigado, porque estava sempre a caminhar pelas estradas.

A vida de Jesus era nas estradas. Isto ajuda-nos, sobretudo, a compreender a profundidade do seu coração, aquilo que Ele sente pelas multidões, pelas pessoas que encontra: aquela atitude interior de «compaixão»; vendo as multidões, sentiu compaixão. E isto porque Ele vê as pessoas «cansadas e extenuadas, como ovelhas sem pastor».

Ouvimos muitas vezes estas palavras, que talvez não transmitam uma grande força. Contudo, são fortes! Um pouco como muitas das pessoas que vós encontrais hoje pelas ruas dos vossos bairros... Depois, o horizonte amplia-se e vemos que estas cidades e estas aldeias não são só Roma e a Itália, mas o mundo inteiro... e aquelas multidões exaustas são populações de numerosos países que continuam a sofrer devido a situações ainda mais difíceis...

Tempo da misericórdia

Então, compreendemos que nós não estamos aqui para fazer um bonito exercício espiritual no início da Quaresma, mas para ouvir a voz do Espírito que fala à Igreja inteira nesta nossa época, que é precisamente o tempo da misericórdia. Disto estou persuadido! Não se trata apenas da Quaresma; nós vivemos num tempo de misericórdia, desde há trinta anos ou mais, até aos dias de hoje.

Na Igreja inteira é o tempo da misericórdia.

Esta foi uma intuição do beato João Paulo II. Ele teve a «perspicácia» de que este era o tempo da misericórdia. Pensemos na beatificação e canonização da Irmã Faustina Kowalska; em seguida, introduziu a festa da Divina Misericórdia. Gradualmente progrediu, foi em frente neste campo.

Na homilia para a canonização, que teve lugar em 2000, João Paulo II realçou que a mensagem de Jesus Cristo à Irmã Faustina se situa temporalmente entre as duas guerras mundiais, e está muito ligada à história do século XX. E, olhando para o futuro, afirmou: «O que nos trarão os anos que estão diante de nós? Como será o futuro do homem sobre a terra? A nós não é dado sabê-lo. Contudo, sem dúvida, ao lado de novos progressos infelizmente não faltarão experiências dolorosas. Mas a luz da Misericórdia Divina, que o Senhor quis como que entregar de novo ao mundo através do carisma da Irmã Faustina, iluminará o caminho dos homens do terceiro milénio».

É claro! Em 2000 tornou-se explícito, mas era algo que no seu coração já ia amadurecendo havia muito tempo. Na sua oração, ele teve esta intuição.

Hoje nós esquecemos tudo depressa demais, e até o Magistério da Igreja! Em parte isto é inevitável, não podemos esquecer os grandes conteúdos, as intuições excelsas e as exortações transmitidas ao Povo de Deus. E a da Divina Misericórdia é uma delas. É uma herança que ele nos deixou, mas que provém do alto.

Compete a nós, como ministros da Igreja, manter viva esta mensagem, principalmente na pregação e nos gestos, nos sinais e nas escolhas pastorais, por exemplo na escolha de voltar a dar prioridade ao sacramento da Reconciliação e, ao mesmo tempo, às obras de misericórdia. Reconciliar, fazer as pazes através do Sacramento, mas também mediante as palavras e as obras de misericórdia.

O sacerdote e a misericórdia

O que significa misericórdia para os sacerdotes?

Vem ao meu pensamento a constatação de que alguns de vós me telefonaram, me escreveram uma carta, e depois eu falei ao telefone... «Mas Padre, por que motivo te zangas com os sacerdotes?». Pois diziam que eu agredia os sacerdotes! Não vos quero espancar aqui...

Interroguemo-nos sobre o que significa misericórdia para um presbítero; permiti-me dizê-lo para nós, sacerdotes. Para nós, para todos nós! Os presbíteros comovem-se diante das ovelhas, como Jesus, quando via as pessoas cansadas e exaustas, como ovelhas sem pastor. Jesus tem as «vísceras» de Deus, e Isaías fala muito sobre isto: vive cheio de ternura pelas pessoas, especialmente por quantos são excluídos, ou seja os pecadores, os doentes dos quais ninguém se ocupa... Deste modo, à imagem do Bom Pastor, o presbítero é um homem de misericórdia e de compaixão, está perto do seu povo e é servidor de todos.

Este é um critério pastoral que gostaria de pôr em grande evidência: a proximidade! A proximidade e o serviço, mas a proximidade, a afinidade! ... Quem quer que se encontre ferido na própria vida, de qualquer maneira, pode encontrar nele atenção e escuta...

Em particular, o sacerdote demonstra vísceras de misericórdia na administração do sacramento da Reconciliação; demonstra-o em todas as suas atitudes, no seu modo de acolher, de ouvir, de aconselhar e de absolver...

Todavia, isto deriva do seu modo de viver o Sacramento em primeira pessoa, da forma como ele se deixa abraçar por Deus Pai na Confissão, permanecendo no interior deste abraço... Se vivermos isto em nós mesmos, no nosso próprio coração, poderemos também oferecê-lo aos outros no ministério.

E agora faço-vos esta pergunta: como me confesso? Deixo-me abraçar?

Vem-me ao pensamento um grande sacerdote de Buenos Aires, é mais jovem do que eu, talvez tenha 72 anos... Uma vez ele veio visitar-me. É um grande confessor: para ele há sempre fila... A maioria dos sacerdotes vão à sua procura para se confessar... É um grande confessor!

E uma vez ele veio ter comigo: «Mas Padre...», «Diz-me», «Eu tenho um pouco de escrúpulo, porque sei que perdoo demais!»; «Reza... se tu perdoas demais...». E falamos sobre a misericórdia. A uma certa altura ele disse-me: «Sabes, quando sinto que este escrúpulo é forte vou à capela, diante do Tabernáculo, digo-lhe: perdoa-me, a culpa é tua, porque Tu me deste o mau exemplo! E vou embora tranquilo...».

É uma bonita prece de misericórdia! Se na Confissão vivermos isto em nós mesmos, no nosso próprio coração, também o poderemos oferecer aos outros.

A Igreja, «hospital de campanha»

O sacerdote é chamado a aprender isto, a ter um coração que se comove. Os presbíteros — permiti que use esta palavra — «assépticos», aqueles «de laboratório», completamente limpos e bonitos, não ajudam a Igreja. Hoje podemos pensar a Igreja como um «hospital de campanha». Isto, perdoai-me se repito, porque o vejo assim, porque o sinto assim: um «hospital de campo».

É necessário curar as feridas, e elas são numerosas. Há tantas chagas! Existem muitas pessoas feridas por problemas materiais, por escândalos, até na Igreja... Pessoas feridas pelas ilusões do mundo...

Nós, sacerdotes, devemos estar ali, próximos destas pessoas. Misericórdia significa, antes de tudo, curar as feridas. Quando alguém está ferido, tem necessidade imediata disto, não de análises, como os valores do colesterol, da glicemia... Mas quando há uma ferida, curemo-la e depois vejamos as análises. Em seguida, façam-se os tratamentos com um especialista, mas antes é necessário curar as chagas abertas. Para mim, neste momento, isto é mais importante.

E existem também feridas escondidas, porque há pessoas que se afastam, para que não se lhes vejam as feridas... Vem-me ao pensamento o hábito, para a lei mosaica na época de Jesus de afastar sempre os leprosos para que não contagiassem... Há pessoas que se distanciam porque sentem vergonha, aquela vergonha que lhes impede de mostrar as chagas... E afastam-se talvez um pouco melindradas com a Igreja, mas no fundo, lá dentro, há uma ferida... O que elas querem é um afago!

E vós, amados irmãos — pergunto-vos — conheceis as feridas dos vossos paroquianos? Conseguis intuí-las? Permaneceis próximos deles? É a única pergunta...

Nem rigorismo nem laxismo

Misericórdia significa nem mãos-largas nem rigor.

Voltemos ao sacramento da Reconciliação. Nós, sacerdotes, ouvimos muitas vezes a experiência dos nossos fiéis, que nos descrevem como encontraram na Confissão um presbítero muito «rigoroso», ou então muito «largo», rigorista ou laxista. E isto não deve ser assim.

Que entre os confessores haja diferenças de estilo, é normal, mas tais diferenças não podem referir-se à substância, ou seja, à sã doutrina moral e à misericórdia.

Nem o laxista nem o rigorista dão testemunho de Jesus Cristo, porque nem um nem outro faz bem à pessoa com a qual se encontra. O rigorista lava as próprias mãos: com efeito, fixa-se na lei entendida de modo insensível e rígido; também o laxista lava as próprias mãos: só aparentemente é misericordioso, mas na realidade não leva a sério o problema daquela consciência, minimizando assim o pecado.

A verdadeira misericórdia interessa-se pela pessoa, ouve-a atentamente, aproxima-se com respeito e com verdade da sua situação, acompanhando-a no caminho da reconciliação.

Sim, não há dúvida, isto é cansativo. O sacerdote verdadeiramente misericordioso comporta-se como o Bom Samaritano... mas porque motivo age assim? Porque o seu coração é capaz de compaixão, é o Coração de Cristo!

Sabemos bem que nem o laxismo nem o rigorismo fazem crescer a santidade. Talvez alguns rigoristas possam parecer santos, santos... Contudo, pensai em Pelágio, e depois poderemos falar... Eles não santificam o sacerdote, nem santificam o fiel; nem o laxismo, nem o rigorismo! Ao contrário, a misericórdia acompanha o caminho da santidade, acompanha-a e fã-la desenvolver-se...

É demasiado trabalho para um pároco? É verdade, é demasiado trabalho! E de que modo ele acompanha e faz progredir o caminho da santidade? Através do sofrimento pastoral, que é uma forma de misericórdia.

O que significa sofrimento pastoral? Quer dizer sofrer pelas pessoas e com as pessoas. E isto não é fácil! Sofrer como um pai e como uma mãe sofrem pelos seus próprios filhos; permiti que diga, até com ansiedade...

Para me explicar, também eu vos dirijo algumas interrogações, que me ajudam, quando um sacerdote vem ter comigo. Ajudam-me também quando me encontro a sós com o Senhor!

Diz-me: tu choras? Ou perdemos as lágrimas? Recordo que os Missais antigos, aqueles de outrora, contêm uma oração extremamente bonita para pedir o dom das lágrimas. A oração encetava assim: «Senhor, Vós que confiastes a Moisés o mandato de bater na pedra para que dela brotasse a água, batei na pedra do meu coração, para que eu verta lágrimas...»: aquela oração era assim, mais ou menos assim.

Era muito bonita! Contudo, quantos de nós choram diante do sofrimento de uma criança, perante a destruição de uma família, diante de tantas pessoas que não encontram o seu caminho? ...

O pranto do sacerdote... Tu choras? Ou neste presbitério nós perdemos as lágrimas?

Tu choras pelo teu povo? Diz-me, tu recitas a prece de intercessão diante do Tabernáculo?

Tu lutas com o Senhor pelo teu povo, como Abraão lutou: «E se houver menos? E se houver só 25? E se houver só 20?...» (cf. Gn 18, 22-33). Aquela prece de intercessão cheia de coragem...

Nós falamos de parrésia, de intrepidez apostólica, e pensamos nos planos pastorais, o que é bom, mas também a própria parrésia é necessária na oração. Tu lutas com o Senhor? Debates com o Senhor como fez Moisés? Quando o Senhor estava farto, cansado do seu povo, disse-lhe: «Fica tranquilo... Eu... destruirei todos, e far-te-ei chefe de um outro povo». «Não, não! Se Vós destruídes o povo, destruireis também a mim!». Mas eles eram intrépidos!

E eu faço-vos uma pergunta: também nós somos intrépidos, para lutar com Deus pelo nosso povo?

Dirijo-vos mais uma pergunta: à noite, como terminais o vosso dia? Com o Senhor, ou com a televisão?

Como é o teu relacionamento com aqueles que te ajudam a tornar-te mais misericordioso? Ou seja, como é o teu relacionamento com as crianças, com as pessoas idosas, com os enfermos? Tu sabes acariciá-los, ou tens vergonha de afagar um idoso?

Aproximar-se do outro

Não tenhas vergonha da carne do teu irmão (cf. Reflexiones en esperanza, I cap.). No final, seremos julgados segundo o modo como soubemos aproximar-nos de «cada carne» — como se diz em Isaías.

Não te envergonhes da carne do teu irmão! «Aproximemo-nos»: proximidade, afinidade; aproximemo-nos da carne do nosso irmão.

O sacerdote e o levita que passaram antes do Bom Samaritano não souberam aproximar-se daquela pessoa maltratada pelos bandidos. O seu coração estava fechado. Talvez o sacerdote tenha visto o relógio, dizendo: «Devo ir à Missa, não posso chegar atrasado para a Missa», e foi embora.

Justificações! Quantas vezes nós encontramos justificações, a fim de evitar um problema, uma pessoa.

O outro, o levita, ou o doutor da lei, o advogado, disse: «Não, não posso, porque se eu fizer isto, amanhã terei que prestar testemunho e perderei tempo...».

Desculpas! ... Eles tinham o coração fechado. Mas o coração fechado justifica-se sempre por aquilo que não leva a cabo.

Mas o samaritano, ao contrário, abre o seu coração, deixa-se comover nas suas entranhas, e este movimento interior traduz-se em obra prática, numa intervenção concreta para ajudar aquela pessoa.

No fim dos tempos, só serão admitidos à contemplação da carne glorificada de Cristo aqueles que não se tiverem envergonhado da carne do seu irmão ferido e excluído.

Confesso-vos — e isto faz-me bem — que às vezes leio o elenco sobre o qual eu serei julgado, faz-me bem: ele encontra-se no cap. 25 de Mateus.

Foram estas as coisas que vieram ao meu pensamento, para as compartilhar convosco. Elas são um pouco assim, são como me vieram... [O cardeal Vallini: «Um bom exame de consciência»] Isto far-nos-á bem.

História de um crucifixo

Em Buenos Aires — falo-vos agora de outro presbítero — havia um confessor famoso: ele era sacramentino. Praticamente todo o clero ia confessar-se com ele. Quando João Paulo II pediu um confessor à Nunciatura, numa das duas vezes que veio, ele foi escolhido. É idoso, muito idoso... Foi o provincial da sua Ordem, foi professor... mas sempre confessor, sempre. E na igreja do Santíssimo Sacramento havia sempre fila.

Naquela época, eu era vigário-geral e residia na sede da Cúria. Todos os dias de manhã cedo eu descia à sala do fax para ver se tinha chegado algo. E na manhã de Páscoa li um fax enviado pelo superior da comunidade: «Ontem, meia hora antes da Vigília pascal, faleceu o padre Aristi, com 94 — ou 96? — anos. O funeral terá lugar em tal dia...».

E na manhã de Páscoa eu tinha que ir almoçar com os presbíteros da casa de repouso — como de costume eu fazia na Páscoa — e então — disse comigo mesmo — depois do almoço irei à igreja.

Era uma igreja grande, muito grande, com uma cripta particularmente bonita. Desci à cripta e lá estava o fêretro; só estavam presentes duas velhinhas que rezavam, e não havia flores.

Pensei: mas este homem, que perdoou os pecados a todo o clero de Buenos Aires, e também a mim, nem sequer uma flor... Subi e fui a um florista — porque em Buenos Aires há floristas nas esquinas, ao longo das ruas, nos lugares onde passam as pessoas — e então comprei algumas flores, rosas...

Depois, voltei e comecei a preparar bem o caixão, com as flores... Olhei para o Rosário que ele tinha nas mãos... Veio-me algo imediatamente ao pensamento — aquele ladrão que todos temos

dentro de nós, não? — e enquanto eu arranjava as flores, peguei na cruz do Rosário e, com um pouco de força, arranquei-a.

Naquele momento olhei para ele e disse: «Concede-me metade da tua misericórdia». Senti uma força que me incutiu a coragem de fazer isto e de recitar aquela oração!

Em seguida, coloquei aquela cruz aqui, no bolso. As camisas do Papa não têm bolsos, mas eu trago-a sempre comigo num saquinho de pano e, desde aquele dia até hoje, aquela cruz está comigo. E quando me vem um pensamento mau contra uma pessoa qualquer, a minha mão vem sempre para o peito, sempre. E sinto a graça! Sinto que me faz bem. [aplausos].

Como faz bem o exemplo de um sacerdote misericordioso, de um presbítero que se aproxima das feridas...

Se pensardes, também vós indubitavelmente conhecestes tantos, muitos, porque os sacerdotes da Itália são bons. São bons! Na minha opinião, se a Itália ainda é tão forte, não é tanto por causa dos seus Bispos, quanto dos párocos, dos presbíteros! É verdade, isto é verdade! Não vos incenso um pouco para vos confortar, mas sinto que é assim!

Misericórdia. Pensai nos numerosos sacerdotes que se encontram no Céu e pedi-lhes esta graça! Que vos concedam aquela misericórdia que eles mesmos tiveram para com os seus fiéis. Isto faz bem!

2.

Igreja Diocesana

1. Dos nossos Pastores

Olhares sobre a política

Discurso proferido pelo senhor D. Jorge Ortiga no Auditório Vita, em 13 de março.

No dia 3 de Outubro, o Nobel da Literatura de 2006, Orhan Pamuk, quando recebeu o prémio Europeu Helena Vaz da Silva para a Divulgação Cultural, na Fundação Calouste Gulbenkian, trouxe a debate uma questão interessantíssima. Na sua declaração de interesses prévia, definiu-se como um turco cosmopolita, laico e um muçulmano no sentido somente cultural do termo. De seguida, afirmou que a “herança europeia não se deve limitar à preservação dos seus monumentos, mas também à preservação dos seus valores fundamentais”. Sugeriu ainda que seria necessário “ter uma discussão séria sobre esses valores fundamentais”. E, como sabemos, os valores da Europa têm indubitavelmente uma matriz judaico-cristã.

Esta noite queremos olhar para a política na sua concretização nacional ou autárquica. As perspectivas são diferentes segundo os partidos ou as ideologias. É bom apercebermo-nos dessas diferenças. Mas não haverá união nessa diversidade?

Importa trabalhar pelo bem-estar de todos e apostar na qualidade das condições de vida. Saúde para todos, ensino generalizado, respostas sociais adequadas, condições de vida justas, estradas e pontes com facilidade para nos aproximarmos, trabalho realizador de potencialidades, habitação condigna. Poderia continuar o elenco de objectivos. Mas não haverá algo prévio a estes objectivos?

Para um futuro de dignidade e justiça, o presente nunca pode esquecer a memória que mostra o património com o qual a história se construiu. Ao mesmo tempo, os valores fundamentais necessitam de entrar nas agendas políticas para que a política não seja um mero jogo de interesses. Há dias recordei-me de um pensamento curioso. Pensava que era imperioso interrogar-se sobre o que está em questão e para que trabalhamos. Um mundo melhor para os nossos filhos ou filhos melhores para um mundo novo? Parece-me que todos responderíamos da mesma maneira. Se tivermos filhos melhores, eles serão capazes de construir um mundo novo. É que a estratégica não pode ser apenas a de melhorar as condições sociológicas e económicas. Esta linha não nos oferece quaisquer garantias imediatas de um mundo melhor. Ao invés disso, se os jovens se apaixonarem pelos valores, serão capazes de construir algo de novo ou inédito. Não é por acaso que o Papa Francisco, em Estrasburgo, falava de uma “Europa um pouco envelhecida e enfadada, que tende a sentir-se menos protagonista num contexto que frequentemente a olha com indiferença, desconfiança e, por vezes, com suspeita.”

Em que acreditaram os fundadores da Europa como deGaspari, Adenauer, Schuman? Disse o Papa Francisco, no Parlamento Europeu, que “o seu ambicioso projecto político colocava no centro a confiança no homem, não tanto como cidadão ou como sujeito económico, mas no homem como pessoa dotada de uma dignidade transcendente”. E depois concluiu:

“Queridos Eurodeputados, chegou a hora de construir juntos a Europa que gira, não em torno da economia, mas da sacralidade da

peessoa humana, dos valores inalienáveis; a Europa que abraça com coragem o seu futuro, para viver plenamente e com esperança o seu presente. Chegou o momento de abandonar a ideia de uma Europa temerosa e fechada sobre si mesma para suscitar e promover a Europa protagonista, portadora de ciência, de arte, de música, de valores humanos e também de fé. A Europa que contempla o céu e persegue ideias; a Europa que assiste, defende e tutela o homem; a Europa que caminha na terra segura e firme, precioso ponto de referência para toda a humanidade.”

A Europa, Portugal, precisará da fé para edificar uma sociedade mais justa? Fica a pergunta. Mas, em simultâneo, o que pode a fé oferecer a Portugal para que se constitua uma aliança de diálogo respeitoso, gerador de um futuro melhor para todos?

Olhares sobre a família

Discurso proferido pelo senhor D. Jorge Ortiga no Auditório Vita, em 20 de março.

Chegamos, hoje, ao fim deste ciclo. Vários foram os intervenientes e diversificadas as problemáticas. Assistimos a olhares divergentes em certos momentos, e convergentes noutros. O diálogo sincero tem esta marca da diversidade, da tolerância e do enriquecimento mútuo. Todos os confrontos aconteceram num clima de absoluta liberdade e transparência.

A Arquidiocese de Braga, com a colaboração da GTI, a quem aproveito para agradecer publicamente o profissionalismo e o empenho

nho, foi capaz de promover aquilo que os helênicos consideravam indispensável para uma cidadania sadia e democrática. Ágora era o anfiteatro, praça aberta, espaço público da cultura e da política e, por isso, algo essencial para a cidadania. Creio que Braga necessita destes espaços e destes momentos. Nunca nos podemos esconder por trás de ideologias irracionais. Crescemos com a pluralidade e sabemos que só a convergência no essencial consegue um progresso verdadeiramente humano.

Foi a primeira experiência. Gostaria, porém, que ela fosse vista como o prefácio de uma plataforma de diálogo permanente entre instituições e pessoas. O nome Nova Ágora pode ser um verdadeiro programa para o futuro. Basta que receba mais ecos desta experiência. Já muitos se manifestaram sobre a validade e o interesse de tudo quanto aconteceu neste Auditório. Peço que não deixem de expor as suas impressões. Quanto às temáticas, também as deixo em aberto. Agradeço quaisquer sugestões que possam surgir.

Hoje abordaremos uma temática de intrincada actualidade. Quero sublinhar o que o Papa Francisco referiu no célebre discurso em Estrasburgo, algo a que, infelizmente, se deu pouca atenção. Francisco afirmou que “a família é célula fundamental e elemento precioso de toda a sociedade. A família unida, fecunda e indissolúvel traz consigo os elementos fundamentais para dar esperança ao futuro. Sem uma tal solidez, acaba-se por construir sobre a areia, com graves consequências sociais. Aliás, sublinhar a importância da família não só ajuda a dar perspectivas e esperança às novas gerações, mas também a muitos idosos, frequentemente constrangidos a viverem em condições de solidão e abandono, porque já não há o calor dum lar doméstico capaz de os acompanhar e apoiar”.

Importa prestar atenção à família. Não o fazer é como construir a casa sobre a areia, com todos os efeitos adversos que podemos imaginar. Muitos falam de modelos alternativos de família e cen-

tram o debate em questões marginais. Fundamental é centrar a reflexão em realidades preocupantes mas que, se resolvidas, oferecem “esperança ao futuro”.

Não quero antecipar o diálogo. Recordo apenas a urgência de se reflectir sobre a educação afectiva e sobre a sexualidade, em casa e na escola. E a urgência, sobretudo, de encarar de frente várias realidades e compromissos que são tratados de modo superficial ou ambíguo.

O namoro como tempo de conhecimento mútuo para a integração de personalidades e histórias diferentes não passa de simples passatempo ou distração. A vida familiar não é preparada para os momentos de menor capacidade na aceitação das contrariedades: dão-se roturas definitivas que poderiam ser evitadas. Alarmamo-nos com os fenómenos de violência doméstica, típicos de uma sociedade desumanizante. Desconhecemos, ou fazemos por desconhecer, a solidão e o abandono dos mais idosos. O amor à vida é, muitas vezes, substituído pela ânsia do ter mais alguma coisa, como se fosse veículo de felicidade, mas que, sabemos-lo bem, engana com frequência. A vida familiar padece de tempo para o diálogo, do tempo para a realização de actividades conjuntas, por exemplo ver um filme juntos e dialogar sobre a temática abordada, de tempo para se alicerçar em amor e tolerância.

Se olharmos para as estatísticas relacionadas com a família, e se tivermos a coragem de reflectir sobre o que elas representam, teremos alguma dificuldade em afirmar que pertencemos a uma sociedade evoluída. Não será necessário romper com estas tendências? Não teremos cada um, Igreja e Estado, de contribuir activamente para suscitar comportamentos e opções novas?

Que este olhares sobre... se transforme numa pedra lançada no charco para um acordar e encontrar caminhos novos.

A nova cátedra da Misericórdia

*Homilia proferida pelo senhor D. Jorge Ortiga em
21 de março, na elevação do santuário de S. Bento
da Porta Aberta à dignidade de basílica menor.*

A elevação do Santuário de S. Bento da Porta Aberta a Basílica menor, dom concedido pelo Papa Francisco, enche-nos de alegria. Neste ano jubilar da celebração dos 400 anos de fé vivida por inúmeras gerações neste local queremos transformar esta graça em responsabilidade, dando novo incremento à vivência da fé.

O regozijo interior deverá transitar, todavia, para uma fé personificada, colocando-a nos mais variados ambientes da vida hodierna. O carisma de S. Bento foi, no tempo que se seguiu à queda do Império Romano, uma verdadeira semente que, graças aos monges e conventos, permitiu o início de uma Europa com alma cristã. Dessa cultura romana surgiu uma sociedade constituída por vários povos que comungavam a mesma fé. Chegámos depois a um período de cristandade onde Deus e a Igreja nortearam a vida e permitiram que o Evangelho resplandecesse em iniciativas que a História ainda hoje conserva.

Não posso hoje deixar de recordar que a nova Basílica de S. Bento da Porta Aberta será, neste tempo em que vivemos, o púlpito da oração, da reconciliação e do compromisso onde se manifesta o rosto de Deus rico em misericórdia. Queremos, por conseguinte, reaprender a gramática da caridade seguindo o itinerário das 14 Obras de Misericórdia. Sabemos que o número 14 é, antes de mais, catequético. Aos aspectos da vida enumerados por S. Mateus (Mt 25) e pelo livro dos Macabeus, o génio de S. Tomás, na Idade Média, aumentou às sete realidades materiais outras sete espirituais.

Mas já antes S. Bento tinha apresentado outra síntese destas propostas existenciais, ainda que não de harmonia com o septuagésimo. As obras de misericórdia apelida-as de instrumentos das boas obras (a “fê sem obras é morta”) e recorda que estas indicações são simples instrumentos para facilitar o processo de materialização do rosto de Deus. Daí que, na sua regra, S. Bento insista que, primeiro, é importante acreditar na misericórdia de Deus e só depois mostrar essa misericórdia ao mundo. É este o profundo sentido do seu pensamento “nunca desesperar da misericórdia divina”. Experimenta-se, sempre e em qualquer lugar. Nunca se desespera dela. Depois, a partir desta experiência, caminhamos, oferecendo-a através das obras.

Era esta a realidade que gostaria de consignar a este Santuário, agora Basílica. A sua pastoral não pode reduzir-se à celebração das eucaristias e do sacramento da reconciliação. Haverá modos e meios novos para acolher quem procura a Basílica com tantas inquietações e dramas existenciais. A todos importa dar a certeza de que, mesmo parecendo faltar muita coisa, a misericórdia de Deus está sempre presente.

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, usou uma expressão que denuncia muitas das nossas atitudes religiosas e que deve ser vista como uma chamada de atenção à necessidade de se purificar a religiosidade do povo cristão. Ele falou de “mundanidade espiritual” como marca de um Cristianismo demasiado próximo do espírito do mundo e que utiliza a vida espiritual – nas orações, promessas, peregrinações – somente numa lógica de interesse próprio, de quem procura atrair Deus para si em determinadas situações mas depois prossegue alheio à espiritualidade. Não se pode permitir que a vida pareça espiritual e permaneça mundana, isto é, igual a todas as outras. Se não houver conversão interior, a Palavra de Deus não entra no coração das pessoas.

Nunca desesperar da misericórdia divina é, como consequência, ser misericordioso. A irmã Faustina, que inspirou S. João Paulo II a fixar o dia da Misericórdia no Domingo de Pascoela, escreveu, em 1937, um texto maravilhoso mostrando que não há lugar de vida humana onde não deva chegar a misericórdia.

«Ajuda-me, Senhor, para que os meus olhos sejam misericordiosos, para que eu jamais desconfie ou julgue segundo as aparências, mas procure o belo na alma do meu próximo e acuda a ajudá-lo.

Ajuda-me, Senhor, para que os meus ouvidos sejam misericordiosos, para que tenha em conta as necessidades do meu próximo e não fique indiferente aos seus sentimentos e queixas.

Ajuda-me, Senhor, para que a minha língua seja misericordiosa, para que nunca fale negativamente do meu próximo, mas tenha sempre uma palavra de consolo e de perdão para todos.

Ajuda-me, Senhor, para que as minhas mãos sejam misericordiosas e estejam cheias de boas obras, para que saiba fazer ao meu próximo unicamente o bem e carregue as tarefas mais difíceis e penosas.

Ajuda-me, Senhor, para que os meus pés sejam misericordiosos, para que sempre me apresse a socorrer o meu próximo, vencendo a minha própria fadiga e o meu cansaço. O repouso verdadeiro está no serviço ao próximo.

Ajuda-me, Senhor, para que o meu coração seja misericordioso, para que eu sinta todos os sofrimentos do meu próximo. Que eu não recuse o meu coração a ninguém. Que seja sincera mesmo com aqueles que sei que abusaram da minha bondade. E que eu mesma me encerre no misericordioso Coração de Jesus. Suportarei os meus próprios sofrimentos em silêncio. Que a tua misericórdia, Senhor, repouse em mim.

Tu mesmo me ordenas que me exercite em três graus da misericórdia. Primeiro, a acção misericordiosa, de todo o tipo. Segundo, a palavra misericordiosa: o que não sou capaz de levar a cabo como acção deve acontecer por meio de palavras. Terceiro, a oração: no caso de eu não poder mostrar misericórdia com factos

nem com palavras, sempre posso recorrer à oração. Que a minha oração chegue inclusive aonde não estou corporalmente presente. Ó meu Jesus, transforma-me em Ti, que tudo podes.»

Oração maravilhosa e rica de sugestões para a vida pessoal. Apenas me detenho na parte final onde se pede a Deus que nos exercite em três graus de misericórdia, diferentes mas complementares. Mostrar a misericórdia com os factos, com as palavras e com a oração. Podemos não ter capacidade para oferecer obras e palavras de misericórdia mas a oração pode chegar “inclusive onde não estamos corporalmente”. Com a oração faremos com que as Obras de Misericórdia se manifestem nas obras e nas palavras. Isto mesmo gostaria de pedir a S. Bento. Que esta Basílica, na perspectiva do Ano da Misericórdia proposto pelo Papa Francisco, seja capaz de anunciar este dom da misericórdia fazendo-a com três verbos.

Em primeiro lugar, criar todas as condições para que as pessoas se reencontrem consigo, com os outros e com Deus. Sem esta capacidade de interioridade, onde se saboreia a misericórdia de Deus, não é possível partir para outros comportamentos. Depois, a atitude solícita para acolher expressando misericórdia a todos, mas particularmente a quem anda à procura de algo que ainda não encontrou. O acolhimento deve ser como que o Estatuto desta basílica. Por último, tranquilizar tantas pessoas que necessitam de partir para a vida sem uma sobrecarga de preceitos moralistas e com a alegria de um encontro com o Pai misericordioso que abraça e faz festa pelo filho perdido.

Reencontrar-se consigo, acolher a todos com ternura e tranquilizar, devem ser o código de identidade, neste tempo tão enigmático, desta basílica que, a partir de hoje, tem uma responsabilidade particular. Que a Igreja de Braga possa beneficiar deste serviço e que todos os peregrinos, seguindo o pensamento da Regra de S. Bento, nunca desesperem da misericórdia de Deus. Reconfortados por ela, partam mais tranquilos, vivendo sempre em atitude de Fé viva.

24 horas para o Senhor

“24 horas” de oração é o desafio que o Papa Francisco lança a todas comunidades cristãs para combater um “mundo da indiferença”.

O Santo Padre, na mensagem para a Quaresma, querendo alertar para a tragédia da indiferença que caracteriza o mundo moderno, pediu à Igreja que, em atitude de conversão, se aproximasse mais de Deus. É do essencial da Igreja. Muitos querem colocá-la no mundo como uma empresa ou organização. Ela vem de outro lado e, como tal, tem ou deve ter outros critérios. Não se pode ter um coração misericordioso e terno para com o próximo se este não é descoberto como irmão.

Daí a importância do encontro com Deus para que a humanidade se descubra como família. Por esta razão, o Papa aconselha a fazer, nos dias 13 e 14 de março, uma experiência de Adoração Eucarística repetindo a iniciativa do ano transato: “24 horas com o Senhor”, refletindo no tema proposto “Deus é rico em misericórdia” (Ef 2, 4).

Na cidade de Braga temos o calendário dos Lausperenes que deveria ter esta finalidade específica, em todas as igrejas e capelas. O dia 13, na Igreja do Pópulo, e o 14, na Igreja de Santa Cruz, com o seu horário normal, poderia ser aproveitado para esta paragem orante e de conversão. Tudo se completaria com uma noite de oração, na Igreja Paroquial de São Lázaro, com início às 18 horas do dia 13 e encerramento às 08 horas do dia 14. Teríamos, assim, na cidade dois dias ininterruptos de oração.

Solicito, ainda, aos outros párocos que organizem experiências idênticas que criem, pelo menos, no fim do dia, um momento forte de oração e de profunda reflexão sobre o tema que nos motivará para a vivência da Fé seguindo o itinerário das Obras de Misericórdia.

Porque o ano Pastoral é um “Ano Social”, sem a comunhão orante com Deus não marcaremos a vida com testemunhos e não incidiremos, com a alegria do Evangelho, nos ambientes característicos do mundo em que vivemos.

Braga, 05-03-2015

† *Jorge Ortiga, Arcebispo Primaz*

A hospitalidade que desinstala o comodismo

Homilia proferida pelo senhor D. Jorge Ortiga em 29 de março, na Sé, na celebração de Domingo de Ramos.

Ano após ano, recordamos o ingresso de Jesus em Jerusalém. Acompanhado pelos seus discípulos e por uma multidão crescente, Ele sobe da planície da Galileia até à Cidade Santa. Uma subida feita por etapas, assim nos contam os evangelistas. E a cada um desses degraus equivale um prenúncio ou anúncio de Jesus sobre a Sua própria morte. Percebemos, desde logo, que esta subida é também uma peregrinação interior em que Jesus se prepara para chegar ao templo e aí, como lemos no Deuterónónimo, «estabelecer a sua morada» (Dt 12, 11). Não é, por isso, de estranhar que este Domingo, que dá início à Semana Maior, seja conhecido como Dominica de Passione Domini, o Domingo da Paixão do Senhor.

Durante o ingresso em Jerusalém, as pessoas ali presentes socorrem-se do salmo 118 para prestar homenagem a Jesus: «Hossana ao Filho de David! Bendito aquele que vem em nome do Senhor! Hossana nas alturas!» (Slm 118, 25-26). Mas quem é este Filho do Altíssimo? Um detalhe deste cenário dá-nos a resposta. Jesus entra na cidade de Jerusalém montado num jumentinho, o animal da gente simples do campo. Não chega em cavalos ou carroçarias reais, mas num simples jumento que lhe havia sido emprestado (cf. Zc 9, 9).

O que aconteceu em Jerusalém foi um modelo para os primeiros cristãos e, porque não o dizer, para todo o cristianismo. Se Jesus fez a Sua peregrinação interior na subida, os discípulos realizam-na na descida. Curiosamente, uma das parábolas de Jesus fala-nos de um certo homem que descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores, que o deixaram meio morto (cf. Lc 10, 29-37). Passaram por ele duas pessoas, acomodadas e indiferentes, e seguiram adiante. Apenas um samaritano rasgou o véu da indiferença e restituiu a dignidade àquele injustiçado. A esta atitude poderíamos chamar-lhe – como a apelidei na minha Mensagem para a Quaresma – «generosamente servir o mundo». Ao mesmo tempo, descortinamos neste episódio algumas manifestações da caridade cristã: assistir aos enfermos, dar pousada aos peregrinos, consolar os aflitos. A esses traços, e outros tantos da identidade cristã, chamamos obras de misericórdia.

Hoje, Dia Mundial da Juventude, gostaria de me dirigir de modo particular a vós, jovens. Gostaria que tivessem a absoluta certeza de que podeis ser agentes qualificados na transformação do mundo. Mas porque o mundo é, ao mesmo tempo, uma realidade tão abstrata, queria que pensásseis no mundo das vossas relações, isto é, nas pessoas que se cruzam convosco no vosso dia-a-dia.

No Evangelho de hoje, Jesus, estando para morrer, gritou em alta voz «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste» (Mc 15, 34). Depois rasgou-se o véu do templo e a verdadeira identidade de Jesus foi revelada. Aquele homem simples montado num jumentinho

era, afinal, o Filho de Deus. Acho particularmente cruel o facto de muitos soldados estarem junto à cruz sem nada fazerem para evitarem uma morte desnecessária e fundamentada num julgamento injusto. Certamente os soldados cumpriam ordens. Mas imagino que alguns, porventura, repudiariam este género particularmente violento de morte e, por falta de liberdade interior, não foram capazes de agir. A esta incapacidade ou falta de vontade de ser diferente poderíamos chamar de comodismo, ou seja, a segurança que resulta de esquemas dominantes.

Aos jovens são reconhecidas diversas características com potencial de desinstalar o mundo de um certo comodismo. Empenham-se em causas, têm opções de vida e projetos corajosos, são a alma de muitos grupos e atividades paroquiais e até partem em missão além-fronteiras.

Por isso, a vós, jovens, peço-vos que, à semelhança do bom samaritano que descia de Jerusalém, assumais o compromisso de duas obras de misericórdia. A primeira, dar pousada aos peregrinos, de ordem corporal. A segunda, suportar com paciência as fraquezas do próximo, é uma obra espiritual.

Um dos primeiros traços bíblicos da peregrinação surge imediatamente no credo histórico do povo de Israel. Diz o autor que «Meu pai era arameu errante» (Dt 26, 5). Errante é um vacilante que caminha sem destino fixo, alguém frágil e pronto a morrer, segundo outra aceção. Não é, por isso, de estranhar que logo desde o século IV tenham surgido no Oriente lugares de acolhimento aos estrangeiros e peregrinos.

Chamavam-se xenodocheia (casa para os estrangeiros). Estes espaços poderiam ser hoje os mosteiros. Recordo, a título de exemplo, a regra de S. Bento, na qual é muito clara a exortação a que «todos os hóspedes que se apresentam no mosteiro sejam recebidos como se fosse o próprio Cristo».

Nem sempre é fácil sabermos se um peregrino, que gostaria de interpretar como qualquer pessoa com a qual nos encontramos, vem por bem ou se nos quer magoar, se é amigo ou inimigo. É precisamente esta desconfiança generalizada, esta lógica de contrapo-

sição, que, infelizmente, tem minado as relações. E numa época de insegurança global e de miscelâneas culturais, acolher o estranho é paradoxalmente o caminho indicado. À medida que a informalidade típica do anfitrião se vai esfumando, aumentam os estabelecimentos especializados em abrigo, como os hotéis ou pousadas.

Dar pousada aos peregrinos ultrapassa esta tipologia de acolhimento. Dar pousada enquadra-se no âmbito da hospitalidade, a qual testemunha um gesto de solidariedade que humaniza as relações e afasta do comodismo. Somos estimulados a transformar o nosso espaço segundo as necessidades do outro. Amparar o necessitado é um gesto típico da caridade cristã e acolher o peregrino, nos seus rostos muito variados, é um dever sagrado que lentamente vai transformando o mundo, tornando-o casa onde há lugar para todos.

A segunda obra de misericórdia de que gostaria de colocar nas mãos dos jovens é suportar com paciência as fraquezas do nosso próximo. A atitude central neste caso é a paciência porque é aquela que nos implica diretamente. São muitas as fraquezas dos outros. Imaginamos que as fraquezas de alguém são insanáveis. Como reagimos?

Com violência, retaliação, indiferença? Perante as constantes fraquezas do povo veterotestamentário, Deus regia «lento para a ira» (Ex 34, 6), abrindo janelas de esperança em «atenção a esses dez justos» (Gn 18, 32).

A paciência significa, portanto, a capacidade de dominar os nossos sentimentos, a serenidade para superar as tempestades e a força de conviver com o que irresolúvel.

Não por acaso, a paciência é considerada por Tertuliano «a maior virtude» cristã. No passado, a religião foi acusada de anestesiar as pessoas. É possível que alguns olhem para a paciência também como uma espécie de anestesia. Não é verdade. Uma paciência que signifique pactuar com a prolongamento de abusos, violências ou explorações é uma perversão da paciência e, a bem dizer, uma injustiça. A paciência, pelo contrário, é a vitória da caridade sobre os limites humanos. Jesus diria que a paciência é «face direita» (cf. Mt 5, 39) oferecida aos inimigos. O mesmo lado direito do wseu

corpo de onde, do alto da cruz, «brotou sangue e água» (Jo 19, 34) para o perdão da humanidade. Caros jovens, podeis emprestar-nos o vosso espírito regenerativo para aprendermos melhor os benefícios do amor paciente?

Pensando nos jovens, olho, também, para as nossas comunidades. Serão verdadeiramente acolhedoras e sempre prontas para tudo suportar ainda que seja com uma paciência heróica?

Conta no Twitter

O senhor D. Jorge Ortega assinalou em 05 de março o 71.º aniversário natalício com a abertura de uma conta pessoal e oficial no Twitter, informou o Departamento Arquidiocesano para as Comunicações Sociais.

As publicações serão periódicas e terão como um dos principais objetivos sintetizar a homilia proferida pelo Prelado no dia em que decorrem.

A conta servirá também para comentários do Prelado sobre a atualidade ou sempre que haja acontecimentos que o justifiquem. Para seguir o perfil do Arcebispo basta procurar @djorgeortiga no Twitter.

A “hashtag” utilizada para as homilias será #twittomilias, que resulta da fusão entre as palavras “twitter” e “homilia”. Isto porque pretende precisamente condensar a sua homilia em 140 caracteres, o limite de espaço imposto pelo Twitter.

Na primeira mensagem D. Jorge Ortega escreveu: “No dia do meu aniversário peço ao Senhor que todos sejam um”, numa clara alusão ao seu lema episcopal.

Atividades pastorais:

março/2015

D. Jorge

- 01 - Presidiu à Procissão de Passos, em Barcelos.
- 03 - Esteve no Auditório Vita no início do festival de cinema FlumenFest.
- 06 - Benzeu o novo Centro Social de S. Martinho de Escariz, no arciprestado de Vila Verde.
- 07 - Presidiu à celebração da Eucaristia na igreja da Misericórdia, na Póvoa de Varzim. Esteve presente em S. Bartolomeu do Mar, arciprestado de Esposende, na inauguração das obras de requalificação da Frente Marítima. Participou na festa de encerramento do Flumen Fest.
- 08 - Presidiu à celebração da Eucaristia no santuário do Bom Jesus do Monte.
- 11 - Iniciou a Visita Pastoral à Póvoa de Varzim.
- 12 - Continuou a Visita Pastoral à Póvoa de Varzim.
- 13 - Participou no Auditório Vita no encontro «Olhares sobre a Política». Visitou as obras de requalificação da estância do Bom Jesus do Monte.
- 14 - Presidiu à celebração da Eucaristia na igreja matriz da Póvoa de Varzim, onde continuou a visita pastoral. Esteve presente na entrega de diplomas e prémios a licenciados, pós-graduados e mestres pelo Centro Regional de Braga da Universidade Católica.
- 15 - Presidiu à celebração da Eucaristia na igreja do Colégio de Montariol.
- 17 - Iniciou a visita pastoral à paróquia de S. Pedro de Rates.
- 18 - Presidiu a uma reunião do Conselho de Arciprestes.
- 19 - Esteve presente na inauguração de um lar de idosos em Nogueiró, arciprestado de Braga. Presidiu à ce-

lebração da Eucaristia na igreja paroquial de S. José de S. Lázaro, em Braga.

- 20 - Esteve presente no Auditório Vita, no encontro «Olhares sobre a Família».
- 21 - Presidiu à celebração da Eucaristia em S. Bento da Porta Aberta.
- 22 - Presidiu em Guimarães à Procissão do Senhor dos Passos.
- 24 - Esteve presente na inauguração oficial do novo edifício-sede da empresa Primavera Software Business.
- 26 - Esteve presente na inauguração da AGRO 2015.
- 27 - Presidiu a uma reunião do Conselho Económico Arquidiocesano.
- 28 - Presidiu à celebração da Eucaristia na Basílica dos Congregados, em Braga. Esteve presente na Irmandade de Santa Cruz, em Braga, onde foi inaugurada a exposição «Salve, crux sancta».
- 29 - Presidiu em Braga à celebração litúrgica do Domingo de Ramos e à Procissão do Senhor dos Passos.

D. Francisco Senra

- 01 - Continuação das Visitas Pastorais ao Arciprestado de Vila do Conde e Póvoa de Varzim com o encerramento da Visita às paróquias de Touguinha, pelas 10.30 horas, e dos Arcos às 16 horas, ambas com a celebração solene da Missa e administração do Sacramento do Crisma.
- 03 e 04 - Visitas a alguns Sacerdotes doentes nos arciprestados de Barcelos e Póvoa de Lanhoso.
- 05 - Preparação da Visita Pastoral à Paróquia de Bagunte.
- 06 - Preparação da Visita Pastoral à Paróquia de Beiriz.
- 07 - 10 horas, encontro com o Secretariado Arquidiocesano e com os delegados dos Centros de Ulteia do Mo-

vimento dos Cursos de Cristandade na Arquidiocese de Braga; 15 horas, continuação da preparação da Visita Pastoral a Beiriz.

- 08 - 10.30 horas, Visita Pastoral a Bagunte e 15.30 horas, Visita Pastoral a Beiriz, em ambas as Paróquias com a celebração solene da Missa e administração do Sacramento do Crisma.
- 10 - Preparação da Visita Pastoral à Paróquia de Navais.
- 11 - 14.30 horas, participação no Conselho Episcopal; 21 horas, Celebração da Missa de encerramento do Curso Bíblico, promovido pelos Padres Capuchinhos na casa das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, em Arcozelo-Barcelos.
- 12 - Preparação da Visita Pastoral na Paróquia de Ferreiró.
- 13 - 15 horas, presidência à sessão de abertura do encontro “Discernir e Formar”, integrado nas comemorações jubilares do Seminário Nossa Senhora da Conceição e participação nas atividades da tarde. 21 horas, participação no encontro “Nova Ágora - Olhares sobre a Política”.
- 14 - 9.30 horas, participação na Assembleia Nacional da Sociedade de São Vicente de Paulo com presidência da oração da manhã e reflexão Quaresmal. 12 horas, presidência da Missa com os dirigentes diocesanos das Conferências Vicentinas e do Movimentos de Enfermeiros e Profissionais de Saúde. 18.30 horas, encerramento do CPM para noivos com celebração da Missa na igreja paroquial de Britelo, Celorico de Basto.
- 15 - 10.30 horas, Visita Pastoral a Ferreiró; 16 horas, Visita Pastoral a Navais. Em ambas as Paróquias foi celebrada solenemente a Missa e administrado o Sacramento do Crisma.
- 17 - Preparação da Visita Pastoral à Paróquia de Outeiro Maior.

- 18 - Preparação da Visita Pastoral à Paróquia das Caxinas.
- 19 - 10 horas, Missa Pascal no Agrupamento de Escolas “Cego de Maio” na Póvoa de Varzim; 12 horas, continuação da preparação da Visita Pastoral às Caxinas.
- 20 - 9.30 horas, Missa pascal no Agrupamento de Escolas EB2, Taíde, Póvoa de Lanhoso. 21 horas, participação na “Nova Ágora - Olhares sobre a Família”.
- 21 - 11 horas, concelebrou na Missa presidida pelo Senhor Arcebispo na elevação do Santuário de São Bento da Porta Aberta à dignidade de Basílica Menor. 15 horas, continuação da preparação da Visita Pastoral às Caxinas.
- 22 - 10.30 horas, Visita Pastoral a Outeiro Maior e às Caxinas, em ambas as paróquias com celebração solene da Missa e administração do Sacramento do Crisma.
- 24 - Preparação da Visita Pastoral à Paróquia de A Ver-o-Mar. 21 horas, reunião com as direções diocesanas dos Movimentos Eclesiais e Obras, com vista à preparação da Vigília do Pentecostes.
- 25 - 10 horas, orientação de manhã de retiro para o Movimento Vida Ascendente, com celebração da Eucaristia. 14.45 horas, preparação da Visita Pastoral à Paróquia de Amorim.
- 26 - Preparação da Visita pastoral à Paróquia de Laundos.
- 27 - Presidência da Missa Solene na Basílica dos Congregados em Braga, por ocasião da festa de Nossa Senhora das Dores.
- 28 - Participação e pregação na Celebração Penitencial dos jovens da Paróquia da Matriz, na Póvoa de Varzim, onde presidirá às celebrações do Tríduo Pascal. 15 horas, Visita Pastoral à Paróquia de Laundos, com celebração solene da Missa e administração do Sacramento do Crisma. 18.30 horas, celebração da Missa

com crianças, adolescentes e jovens da catequese e realização da Assembleia Paroquial de A Ver-o-Mar na continuidade da preparação da Visita Pastoral àquela comunidade.

- 29 - Conclusão das Visitas Pastorais ao Arciprestado de Vila do Conde e Póvoa de Varzim com a Visita às Paróquias de A Ver-o-Mar, 10 horas, e Amorim, às 16 horas. Em ambas as comunidades com a celebração solene da Missa e com a administração do Sacramento do Crisma.
- 31 - Visita a Sacerdotes e participação no Concerto da Semana Santa realizado na Sé Primaz.

2. Serviços Centrais

Centro Missionário Arquidiocesano de Braga

*D. JORGE FERREIRA DA COSTA ORTIGA,
por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica,
Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas.*

1. Em consonância com os n.os 20 e 21 da recente Carta Pastoral da CEP “Como Eu vos fiz, fazei vós também”. Para um rosto missionário da Igreja em Portugal:

Constitui nesta Arquidiocese o “Centro Missionário Arquidiocesano de Braga” (CMAB), com as atribuições e competências sugeridas nos referidos números da Carta Pastoral, nomeadamente: a) promover e coordenar a formação, animação e cooperação missionária de todos os cristãos; b) promover a criação de “Grupos Missionários Paroquiais” (GMP); c) dar a conhecer e estimular à participação em iniciativas missionárias; d) ajudar a estabelecer um conhecimento e relacionamento mais fecundo entre as comunidades locais e os seus missionários; e) velar por um melhor conhecimento, implantação e colaboração com as Obras Missionárias Pontifícias (OMP); f) promover as iniciativas achadas oportunas para sensibilizar e levar os cristãos a viver a sua vocação missionária.

2. O CMAB é constituído por sacerdotes, religiosas e leigos, que representam o sentir missionário no espaço Arquidiocesano, e a sua composição poderá ser reformulada periodicamente e sempre que necessário. Para este primeiro exercício, integram o CMAB os seguintes elementos:

Cónego Fernando Teixeira Alves Monteiro

P.e Jorge Filipe Vilaça Barbosa

P.e Hugo Norberto Mendes Ventura

Jorge Fernando Amaro Duarte Amaro

José Arieira de Carvalho

Maria de Fátima Pinheiro Marques

Marta Flora Vilas Boas Faria

Sandra Mafalda Pereira Paulo Eusébio

Susana Eduarda Ribeiro de Oliveira

3. Nomeio Directora do CMAB a Dr.^a Sara Isabel Poças Fernandes da Silva que deverá coordenar todas as iniciativas de modo a dar às nossas comunidades um verdadeiro rosto Missionário no seguimento das Orientações da Carta Pastoral dos Bispos de Portugal.

Para memória se outorga a presente PROVISÃO, que fica registada na Cúria Arquiepiscopal.

Braga, 05-03-2015

Jorge Ortiga, Arcebispo Primaz

Comissão Administrativa

*O senhor D. Jorge Ortiga passou provisão à
Comissão Administrativa de:*

IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA LAPINHA,
Paróquia de São Lourenço de Calvos, Arciprestado de Guimarães
e Vizela e Concelho de Guimarães, constituída por:

Presidente:	Florentino Armando Faria Cardoso
Vice-Presidente:	Manuel Artur da Cunha Pereira
Secretário:	Francisco Assis Fernandes de Sousa
Tesoureiro:	Orlando Dias da Silva
Delegado do Prelado:	P.e Rómulo Ferreira da Costa Pereira
Capelão:	P.e António Francisco Ribeiro
Vogais:	Maria de Fátima Carvalho Dias; Agostinho da Costa Sampaio; Paula Maria Martins da Rocha; João Jorge Nogueira Freitas; Liliana Isabel Fernandes Rocha; Rui Alexandre Pereira Barros da Cunha Pereira.

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Constantino Matos de Sá

Esta homologação é válida de 22 de março de 2015 até 22 de março de 2016.

Durante este tempo, a referida Comissão deve encontrar, entre os Associados, uma lista tendo em vista a realização de eleições de Corpos Gerentes.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 641 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 26 de março de 2015.

Provisões a corpos gerentes

O senhor D. Jorge Ortiga passou provisão aos corpos gerentes de:

CONFRARIA DAS ALMAS, sita na Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem da Aguçadoura, Arciprestado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim, Concelho de Póvoa de Varzim e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: José Alberto Morim Boucinha
Secretários: Lázaro Miguel Dourado Lima
Manuel Martins Dourado

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: Duarte Miguel da Costa Gomes
Secretário: David Correia Flores
Tesoureiro: Sérgio Manuel Portela Moreira

CONSELHO FISCAL

Presidente: Paulo Sérgio Amorim da Costa
Vogais: José Abel Gomes Carvalho
Paulo Sérgio César Vale Costa

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:

P.e João da Rocha Eiró

Esta homologação é válida de 13 de dezembro de 2014 até 13 de dezembro de 2017.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 636 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 26 de março de 2015.

CONFRARIA DA SANTÍSSIMA TRINDADE, sita na Paróquia de Santa Maria de Lijó, Arciprestado de Barcelos, Concelho de Barcelos e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Domingos Gomes Barbosa
Secretários: António Arantes Teixeira
 Zacarias Gomes Mano

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: Júlio Sousa Silva
Secretário: Carlos do Carmo Mendes
Tesoureiro: Francisco Manuel Carvalho Torres

CONSELHO FISCAL

Presidente: António Reis
Vogais: Francisco Maria da Costa Freitas
 Rosa Miranda Quintas

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:

P.e João Barbosa Granja

Esta homologação é válida de 16 de março de 2015 até 22 de janeiro de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 679 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 31 de março de 2015.

CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA PURIFICAÇÃO E DO ROSÁRIO, sita na Paróquia de São Cristóvão de Rio Mau, Arciprestado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim, Concelho de Vila do Conde e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Rui César Ferreira Carvalho
Secretárias: Marta Filipa da Costa Maia
Sílvia Maria Gonçalves do Monte

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: Paulino de Azevedo Moreira
Secretário: Miguel Gonçalves da Silva
Tesoureiro: José dos Santos Fonseca

CONSELHO FISCAL

Presidente: Aurélio Manuel Fernandes Alves
Vogais: Jorge Rafael Carvalho Correia
Carlos Eduardo Domingues Moreira

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:

P.e Jose Figueiredo de Sousa

Esta homologação é válida de 18 de fevereiro de 2015 até 18 de fevereiro de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 682 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 31 de março de 2015.

CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DE REGADAS, sito na Paróquia de Santo Estêvão de Regadas, Arciprestado de Fafe, Concelho de Fafe e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

DIREÇÃO

Presidente: P.e Manuel Alves da Silva
Vice-Presidente: Carlos Jorge Pinto Teixeira
1º Secretário: Aníbal Jorge Ferreira Gonçalves
2º Secretário: Armando Durães Correia
Tesoureira: Elsa Maria Lobo Teixeira

CONSELHO FISCAL

Presidente: Fernando José Alves Coutinho Coelho
Vogais: Luís Maciel Coelho de Oliveira
Armindo Miguel Teixeira Gonçalves

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA

P.e Pedro Daniel Faria Marques

Esta homologação é válida de 31 de março de 2015 até 31 de março de 2018.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 686 / 2015.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 31 de março de 2015.

Notícias diversas

«**Entre cinco minutos**». A Arquidiocese apresentou em 28 de fevereiro uma news-letter intitulada «Entre cinco minutos», a enviar a todos os subscritores no início da noite de sábado. Pretende informar, de uma forma rápida, de todas as notícias que marcaram a semana.

FlumenFest. O Auditório Vita promoveu entre 03 e 08 de março o FlumenFest – 1.º Festival Internacional de Cinema do Minho.

Subordinado ao tema «**Ao encontro do outro**», o programa compreendeu a exibição de 28 filmes e a atribuição de cinco galardões.

O júri do festival distinguiu como melhor longa-metragem internacional o filme ‘Pohang-Harbor’, da sul-coreana Mo Hyun-shin (2014), e como melhor ‘curta’ a obra ‘Washingtonia’ do grego Konstantina Kotzamani (2014).

O prémio do público foi para ‘Happiness», do francês Laurant Hasse (2012).

Paralelamente à exibição gratuita dos filmes, o festival apresentou momentos musicais, exibição de arte plástica e contemporânea e algumas das potencialidades dos concelhos de Amares e de Vila Verde.

3. Programa Pastoral

Informações diversas

Um encontro de formação para Ministros Extraordinários da Comunhão do arciprestado de Vila Nova de Famalicão realizou-se entre 11 e 13 de março no Centro Pastoral de Vila Nova de Famalicão, entre as 21h15 e as 22h45.

O Arciprestado de Fafe realizou entre 02 e 06 de março, no salão da igreja matriz de Fafe, uma semana bíblica. Subordinada ao tema «Ler para Crer», foi orientada pelo sacerdote capuchinho Frei Herculano Alves.

Uma Semana Bíblica realizou-se na paróquia de Ribeirão, arciprestado de Vila Nova de Famalicão, entre 02 e 06 de março. Versou o livro dos Atos dos Apóstolos e foi orientada por Frei Luís Gonçalves, sacerdote capuchinho.

A III Semana Bíblica do Arciprestado de Barcelos principiou em 08 de março com um cortejo constituído por crianças da catequese das 89 paróquias do arciprestado.

Subordinado ao tema genérico «A fã sem obras é morta. Que caminhos de ressurreição?», o programa incluiu conferências de José Nunes que desenvolveu o tema «A Ressurreição, as mortes

também se vencem»; de Mário Sousa, que apresentou o trabalho «Viver guiados pelo Espírito. Transformados por Deus e transformadores do mundo»; D. Manuel Linda, que falou da dimensão social do Evangelho, partindo da frase de Jesus «Como Eu vos fiz, fazei vós também».

Terminou com o «scriptorium biblicum», um projeto da paróquia de Santa Maria Maior com o objetivo de escrever toda a Bíblia à mão.

O Conselho Arquidiocesano da Pastoral da Juventude reuniu em 07 de março no Centro Cultural e Pastoral da Arquidiocese.

O Dia Mundial da Juventude foi celebrado em 28 de março e foi promovido pela Equipa Arciprestal da Pastoral de Jovens de Braga.

Subordinado ao tema «Mãos à Obra», o programa incluiu diversos ateliês relacionados com as Obras de Misericórdia e terminou com uma Celebração da Palavra.

As paróquias da Zona Sul do arciprestado de Vila Verde (Soutelo, Turiz, Prado, Cervães, Oleiros, Cabanelas, Parada de Gatim e Escariz S. Martinho e S. Mamede) promoveram um ciclo de três conferências quaresmais sobre o Sacramento da Reconciliação.

O Santuário Alexandrina de Balasar promove em 18 de abril uma peregrinação jovem; em 24 e 25 do mesmo mês, diversas celebrações comemorativas do 11.º aniversário da Beatificação da Alexandrina; em 16 de maio, uma peregrinação de adolescentes; em 14 de junho, uma peregrinação de frâgeis.

Agenda para maio

- 01 - 1.º de Maio (Juventude Operária Católica). Encontro de Equipas Arciprestais de Catequese.
- 01 - 02 - Fátima Jovem.
- 01 - 02 - Peregrinação a Compostela - Jovens em Caminhada (JOEMCA).
- 02 - Encontro da Equipa Arciprestal de Catequese de Vieira do Minho. Comemoração antecipada do Dia Internacional do Enfermeiro (12 de Maio) - Associação Católica de Enfermeiros e Profissionais de Saúde (ACEPS).
- 03 - Dia da Mãe.
- 06 - Conselho Episcopal.
- 07 - Encontro, por zonas, dos catequistas coordenadores paroquiais do Arciprestado de Guimarães e Vizela.
- 09 - Dia Arciprestal do Catequista em Celorico de Basto. Pré-Seminário no Seminário Menor.
- 14 - Romagem ao Sameiro (Família do Sacerdote).
- 15 - Dia Internacional da Família.
- 15-17 - Retiro para Catequistas do Arciprestado de Vieira do Minho.
- 16 - Atividade “Somos uma só família”, destinada a toda a comunidade catequética do Arciprestado de Póvoa de Lanhoso. Peregrinação de adolescentes ao Santuário Alexandrina de Balasar.
- 17 - Solenidade da Ascensão. Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social. Ofertório para os Meios de Comunicação Social. Passeio Anual da Cúria Juvenil Nossa Senhora da Anunciação – Braga. Peregrinação ao santuário de Nossa Senhora da Guia, em Belinho, Esposende.

- 19 - Encontro de catequistas coordenadores paroquiais do Arciprestado de Amares.
- 20 - Conselho Presbiteral.
- 22 - Noite UP'S (Grupo Peregrinos).
- 23 - Dia da Catequese no Arciprestado de Fafe. Atividade Vocacional "Tu (ch)Amas-me?", destinada a toda a comunidade catequética do Arciprestado de Póvoa de Lanhoso. Pré-Seminário no Seminário Conciliar.
- 23 - 24 - Comemoração (nas paróquias) do Dia do Abraço: "Abraços Grátis"; iniciativa da Equipa Arciprestal de Catequese de Celorico de Basto.
- 24 - Solenidade de Pentecostes. Festa do Santuário de Schoenstatt e da Rainha da Família, com consagração das Famílias a Nossa Senhora (Santuário de Schoenstatt, Soutelo). Peregrinação ao santuário de Nossa Senhora do Pilar, Póvoa de Lanhoso.
- 25 - Encontro da Equipa Arciprestal de Catequese de Fafe.
- 26 - Recolção mensal para o clero (Seminário Conciliar).
- 27 - Conselho de Arciprestes.
- 29 - Conselho Económico Arquidiocesano.
- 30 - Conselho Pastoral Arquidiocesano.
- 31 - Visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima ao Arciprestado de Braga. Peregrinação ao santuário de Nossa Senhora da Abadia. Peregrinação ao santuário de Nossa Senhora da Fé, em Cantelães, Vieira do Minho. Peregrinação ao santuário de Nossa Senhora da Saúde, em Laundos, Póvoa de Varzim. Peregrinação ao santuário de Nossa Senhora do Bom Despacho, em Cervães, Vila Verde.

4. Clero e Seminários

Nomeações Eclesiásticas:

Dom Jorge Ferreira da Costa Ortiga, por mercê de Deus e da Santa Sé, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas;

Perante novas necessidades pastorais e procurando responder às suas exigências, procedo às seguintes nomeações:

- **Padre Armindo Patrão de Abreu** nomeado Assistente do CPM da Arquidiocese de Braga.

- **Padre José Manuel da Silva Antunes Fernandes** nomeado Vigário Paroquial de São Paio de Vila Verde e Santa Eulália de Loureira, Arciprestado de Vila Verde, enquanto o **Padre Artur Jorge Ramalho Rocha Gonçalves** se encontra em Missão das Forças Armadas no Kosovo, sendo colaborador na pastoral paroquial o **Padre Fernando de Jesus António, SJ**.

- **Padre José Peixoto Lopes** nomeado Capelão do Hospital da Misericórdia de Fafe, sempre em articulação com os Párocos e com o Serviço Arquidiocesano de Assistência Espiritual e Religiosa.

- **Padre José Dias Pereira** dispensado, a seu pedido, da Coordenação Arquidiocesana da Assistência Espiritual e Religiosa dos Hospitais.

- **Padre José Silvino de Magalhães Araújo** nomeado Coordenador do Serviço Arquidiocesano da Assistência Espiritual e Religiosa dos Hospitais.

Braga e Cúria Arquiepiscopal, 26 de março de 2014

† Jorge Ferreira da Costa Ortiga, Arcebispo Primaz

Notícias diversas

«Discernir & Formar na Polifonia das Ciências Humanas e da Espiritualidade» foi o tema de um colóquio realizado em 13 e 14 de março no Auditório Vita, em Braga.

Promovido pelo Seminário de Nossa Senhora da Conceição e pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional de Braga, teve como finalidade «proporcionar um tempo de reflexão e aprofundamento sobre os itinerários de formação dos Seminários no contexto da cultura contemporânea».

Integrou-se no programa comemorativo do 90.º aniversário da atual sede do Seminário de Nossa Senhora da Conceição.

O P. João Francisco Marques faleceu em 06 de março na Póvoa de Varzim, com 86 anos. O funeral realizou-se no dia 08.

Nascido na Póvoa de Varzim em 09 de janeiro de 1929, João Francisco Marques frequentou os Seminários de Braga entre 1940 e 1952 e foi ordenado sacerdote em 15 de agosto de 1952.

Iniciou o ministério sacerdotal no Seminário, em outubro de 1952. Em 08 de setembro de 1953 foi nomeado Vigário Cooperador da Lapa, na Póvoa de Varzim, assumindo ainda a tarefa de professor de Religião e Moral da Escola Técnica da Póvoa de Varzim.

Em 1961 concluiu o 3.º ciclo dos liceus no Liceu Normal D. João III, em Coimbra.

Entre 1961 e 1966 frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde se licenciou em História em julho de 1970, com a dissertação «A Parenética Portuguesa na Dominação Filipina», classificada com 18 valores.

Habilitado com o Curso de Ciências Pedagógicas, frequentou entre 1971-72 o estágio de História e Filosofia no Liceu Normal D. Manuel II.

Professor efetivo do 4.º Grupo-A do Ensino Liceal, foi metodólogo de História em 1972-73, no Liceu de Matosinhos, e, de 1973 a 1975, orientador de metodologias nos liceus D. Manuel II, Alexandre Herculano, Rainha Santa Isabel e Vila Real de Trás-os-Montes.

Foi professor catedrático do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e era membro da Academia Portuguesa de História.

Historiador e investigador, o P. João Francisco Marques colaborou como assessor histórico em vários filmes do realizador Manoel de Oliveira e foi presidente do Centro de Estudos Regianos, de Vila do Conde.

A Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, que em 1995 lhe tinha atribuído a Medalha de Reconhecimento Poveiro, grau prata, decretou três dias de luto pelo seu falecimento.

Publicou, entre outros, os livros:

“Problema da Palestina e a Tutela dos Lugares Santos” (Braga, 1951).

“José da Silva Tavares e a atividade contra-revolucionária no período do Liberalismo”, Póvoa de Varzim, 1975.

“A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina” (Porto, INIC – Centro de História da Universidade, 1986).

“José Régio e Flávio Gonçalves – os caminhos de uma amizade” (Póvoa de Varzim, 1988).

“A Parenética Portuguesa e a Restauração, 1640-1668, a revolta e a mentalidade” (Porto, INIC – Centro de História da Universidade, 1989), 2 vols.

“Clero nortenho e as invasões francesas – o patriotismo e resistência regional”. Coleção Trabalhos e Documentos, 7 (Porto – Bordeaux, Centro de Estudos Norte de Portugal – Aquitânia, 1991).

“D. Duarte e a Complexidade de um Breve Reinado. A consciência do monarca e as responsabilidades do confessor régio” (Viseu, Câmara Municipal, 1995).

“Poder Eclesiástico e Implantação Regional. Os Limites do Arcebispo Bracaraense Através dos Tempos”. Coleção Trabalhos e Documentos, 11 (Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal – Aquitânia, 1999).

“Raízes e Percursos de José Régio (1901-1969)” (Vila do Conde, Centro de Estudos Regionais, 2001).

“Arcebispos de Braga oriundos do Ultramar: D. Fr. Aleixo de Meneses, D. Fr. Caetano Brandão, D. João Crisóstomo de Amorim Pessoa, D. Eurico Dias Nogueira. Antologia de Textos Pastorais” (Braga, Cabido da Sé Metropolitana / Universidade Católica, 2002).

“A Arquidiocese de Braga na Evangelização do Além-Mar”, 5 Séculos de Missão e Encontro de Culturas (Braga, Cabido da Sé Metropolitana / Universidade Católica, 2002).

O P. José da Costa Soares da Mota faleceu em 29 de março, com 86 anos de idade.

Foi sepultado no dia 31 em Divino Salvador de Parada e Barbudo, arceprelado de Vila Verde.

Nascido em 26 de julho de 1928 em Divino Salvador de Parada e Barbudo, frequentou os Seminários de Braga e foi ordenado sacerdote em 08 de julho de 1956.

Iniciou o ministério sacerdotal naquele ano de 1956 como pároco de Santo Estêvão de Cantelães e de Santa Maria de Pinheiro, no arceprelado de Vieira do Minho. Em 1979 foi nomeado pároco de S. Paio de Vilar Chão, no mesmo arceprelado. A partir de 1985 serviu durante vários anos como capelão de emigrantes em Estrasburgo (França). Regressado a Portugal, em 2003, nomeado administrador paroquial de Santa Maria de Ferreiros, no arceprelado de Amares. Desde 2004 que colabrou na paróquia de Santo Adrião, arceprelado de Braga, onde residia.

O P. Henrique Faria foi homenageado postumamente em 10 de março, primeiro aniversário da sua morte, pelo Grupo Coral de Maximinos, que dirigiu.

Os seminaristas e a equipa formadora do Seminário Conciliar passaram o dia 30 de março na paróquia de Santa Cristina de Cerzedelo, arciprestado de Guimarães e Vizela.

O programa incluiu uma caminhada ao alto das Senhoras do Monte, durante a qual foi meditada a Via Sacra.

5. Religiosos/as

Caminho de Luz

Braga recebeu em 25 de março a iniciativa «Caminho de Luz» que destaca a atualidade dos ensinamentos de Santa Teresa de Ávila, no quinto centenário do seu nascimento, e traz consigo o cajado da mística espanhola.

A relíquia foi recebida na Igreja do Carmo. Esteve na Residência de Santa Teresa e daqui passou para o Carmelo do Bom Jesus. Na manhã do dia 26 foi levada para Santo Tirso.

No contexto do V Centenário do nascimento de Santa Teresa de Ávila, esta iniciativa percorre o mundo a apresentar os ensinamentos da mística espanhola e é constituída por um grupo de quatro pessoas – três leigos e um sacerdote carmelita – que em Portugal foram acompanhados pelo Provincial da Ordem dos Padres Carmelitas Descalços, padre Joaquim Teixeira.

O Provincial da Ordem dos Padres Carmelitas Descalços recordou a ligação de Santa Teresa de Ávila a Portugal e explicou os objetivos da homenagem ‘Caminho de Luz’.

“O primeiro objetivo é apresentar à Igreja e ao mundo Santa Teresa de Jesus como mestra de luz. A sua experiência intensa de Deus, os seus ensinamentos, os seus escritos são também uma luz

para os nossos dias”, começou por explicar o padre Joaquim Teixeira sobre “uma mulher que ensina os mestres espirituais”.

À Agência ECCLESIA, o sacerdote assinalou que a santa de Ávila (Espanha) ao longo destes séculos “marcou imenso a história da espiritualidade”.

Nesse sentido, o ‘Caminho de Luz’ pretendeu também, através de um objetivo “mais simbólico”, apresentar o “bastão” que acompanhou a santa nas suas fundações: “17 conventos em Espanha – 15 femininos e dois masculinos.”

“Teresa de Jesus foi uma profunda contemplativa, uma mística, mas não deixou de ser uma mulher de ação. O cajado representa a sua grande fecundidade apostólica na Igreja do seu tempo”, afirmou o Provincial da Ordem dos Padres Carmelitas Descalços, que destacou ainda a “universalidade” da sua doutrina.

O padre Joaquim Teixeira observou que o símbolo do cajado faz com que as pessoas possam “tocar alguma coisa” porque às vezes a fé “precisa destas expressões mais visíveis, mais encarnadas”.

Neste contexto, este caminho oferece o caráter simbólico de uma forma “muito forte” e é acompanhado também por duas cartas da santa espanhola que estão em conventos portugueses.

A viagem nacional do ‘Caminho de Luz’ começou no dia 22 na Basílica da Estrela, em Lisboa.

Esta foi a primeira vez que a iniciativa passa por Portugal, o 30.º país num périplo pelos cinco continentes.

Do programa constaram diversos momentos de reflexão histórica e de espiritualidade, oração, celebração e festa que envolveu a família carmelita e teresiana, para além das comunidades locais.

Para o padre Joaquim Teixeira esta passagem por Portugal teve um significado “muito rico” porque Santa Teresa de Jesus “desejou imenso” vir a Portugal fazer uma fundação.

“Teresa de Jesus teve uma relação de profunda amizade e correspondência epistolar com o arcebispo de Évora, D. Teotónio de Bragança. Houve grande amizade e deu-lhe apoio para que a reforma teresiana fosse implementada em Portugal”, lembrou o sacerdote.

O Provincial da Ordem dos Padres Carmelitas Descalços destacou ainda que a religiosa “viveu as dificuldades” da afirmação da nacionalidade aquando o domínio filipino, manifestando nas suas obras preocupação por possíveis guerras entre católicos.

No dia 27 o ‘Caminho de Luz’ regressou a Ávila, Espanha, onde se centraram as celebrações do V centenário do nascimento de Teresa de Jesus, que ocorreu em 28 de março de 1515.

Notícias diversas

O Colégio Teresiano, de Braga, promoveu em 27 de março uma tertúlia subordinada ao tema «Bioética, porquê e para quê?», orientada por Walter Osswald.

A iniciativa inseriu-se no programa comemorativo do V centenário do nascimento de Santa Teresa de Jesus.

A Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal promoveu em 14/15 de março, em Montariol, um retiro quaresmal sob o lema «Orar, com Santa Teresa de Jesus».

A Comunidade Católica Shalom promoveu em 13/14 de março uma vigília de oração na igreja de S. José de S. Lázaro, em Braga. Principiou com a Missa às 18h00 do dia 13 seguindo-se uma vigília de oração durante toda a noite. Terminou com a celebração eucarística na manhã do dia 14.

A Congregação dos Missionários do Espírito Santo promoveu em 07 de março, no Centro Espírito Santo e Missão (antigo Seminário da Silva) uma recolção da Quaresma. O programa incluiu duas meditações gerais, subordinadas aos temas «Espiritualidade da Quaresma: pare, escute e olhe!» e «Mensagem da Quaresma/2015: corações fortes para combater a indiferença».

A Província Portuguesa da Congregação de S. José de Cluny cedeu à Junta de Freguesia o Colégio Missionário que possui em Nogueiró, Braga, para nele ser instalado um Lar de Idosos, inaugurado em 19 de março. Recebeu o nome da fundadora da Congregação, Ana Maria Javiuhey.

Com capacidade para acolher 35 idosos, o lar ocupa uma ala de três andares que estava reservada ao noviciado.

O P. João Gomes Gonçalves, da Congregação dos Missionários do Espírito Santo, faleceu em 07 de março no Seminário de Fraião, em Braga.

Natural de S. Paio de Merelim, arciprestado de Braga, tinha 87 anos de idade.

O P. João Baptista Pinheiro, da mesma Congregação, faleceu no mesmo Seminário em 25 de março.

Natural de Avelãs de Ambom, Guarda, tinha também 87 anos de idade.

6. Património

Santuário de S. Bento elevado a Basílica

O Santuário de São Bento da Porta Aberta recebeu em 21 de março o título de ‘basílica menor’, numa cerimónia presidida pelo senhor D. Jorge Ortega.

O programa começou em 18 de março com um tríduo preparatório e incluiu a celebração de um solene pontifical em rito bracarense durante o qual foi executada a Missa de Nossa Senhora do Sameiro, do falecido Cónego Manuel Faria.

A decisão tinha sido anunciada a 11 de fevereiro, pelo senhor Arcebispo Primaz, durante uma Missa a que presidiu no local de culto situado em Rio Caldo, Terras de Bouro.

O título é concedido pela Santa Sé a certas igrejas pela sua antiguidade ou por serem centros de peregrinações.

O senhor D. Jorge Ortega referiu que este santuário é um “centro de espiritualidade”, ao qual acorrem todos os anos milhares de peregrinos devotos de São Bento, um dos motivos que mais pesaram na decisão tomada pela Congregação do Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos.

“O Santuário merece este título não apenas pela sua história, mas também por toda a devoção a São Bento, agora confirmada pela Santa Sé. Este é também um duplo desafio para o futuro”, salientou.

Segundo a página oficial do Santuário, o culto a São Bento, em Rio Caldo, deve a sua origem à influência dos monges de Santa Maria de Bouro, remontando ao século XVII.

O atual Santuário foi reconstruído no século XIX, tendo sido inaugurado um novo espaço de culto, junto ao templo primitivo, em 2002.

A tradição de percorrer a pé dezenas de quilómetros em direção ao Santuário de São Bento da Porta Aberta gerou os chamados ‘caminhos da Fé’, traçados pelos peregrinos.

A palavra *basílica*, com origem nos termos gregos ‘*basileus*’ (rei) e ‘*basilikos*’ (real), era utilizada na Roma antiga para designar grandes edifícios de reunião.

Síntese histórica

O culto a S. Bento, em Rio Caldo, deve a sua origem à influência dos monges de Santa Maria de Bouro. Em 1640, é construída a primitiva ermida, numa pequena elevação.

Segundo a tradição, esta possuía um alpendre, como a maioria das capelas do alto dos montes, e tinha sempre as portas abertas, servindo de abrigo a quem passava... daí lhe terá advindo a designação de S. Bento da Porta Aberta.

O atual Santuário é recente. Iniciou-se a sua reconstrução em 1880 e concluiu-se em 1895.

São dignos de realce os painéis de azulejos da capela-mor, que retratam a vida de S. Bento, assim como o retábulo de talha coberto a ouro.

Devido ao aumento do número de peregrinos, em 1998 foi inaugurada a atual Cripta.

Infra-Estrutura

Atendendo às diminutas dimensões da igreja existente, foi decidido no ano de 1994 erigir um novo espaço muito próximo do primeiro, tendo sido entregue ao arquiteto Luís Cunha a preparação do projeto. A construção ficou concluída, incluindo as zonas envolventes, no ano de 2002. Em todo o edifício há uma ligação de simplicidade entre a construção civil e todo o resto.

O projecto contemplou grandes aberturas para o exterior facilitando o arejamento e o contacto com a natureza, de modo especial na zona nascente.

Painéis de azulejos

Dignos de uma observação atenta são os painéis de azulejos, pintados por Querubim Lapa, que bem retratam episódios da vida de S. Bento.

No primeiro podemos ver o monge Romão a entregar comida a S. Bento, que durante 3 anos permaneceu isolado numa gruta, no Monte Subiaco, a 60Km. de Roma, em oração e meditação. O lado direito deste painel chama a atenção para a importância da Ordem de Cluny no desenvolvimento da vida monacal.

O segundo painel revela-nos a forma como S. Bento ultrapassa as tentações através do sacrifício (“lançou-se nu no meio de um matagal de espinhos”) e da oração. Esta faz parte essencial da vida dos monges e da “regra de S. Bento”.

O painel seguinte narra o episódio da foice, perdida no lago, e que foi recuperada por S. Bento: mergulhou o cabo da foice, esta foi ao seu encontro, podendo assim, o monge continuar a trabalhar.

O trabalho é um dos componentes da regra beneditina, a que se alude no lado direito deste painel.

O quarto painel apresenta dois episódios da vida do Santo. O primeiro, o episódio do pão envenenado e do corvo e o segundo relacionado com a história da pedra que era impossível remover do local onde se encontrava (os monges atribuíram este facto à presença do demónio). Só com a intervenção de S. Bento, que lançou a sua bênção sobre ela, foi possível concretizar a sua remoção.

No painel seguinte está representado o encontro entre Tótila e S. Bento.

Tótila, rei do Ostrogodos, que tomou e saqueou Roma em 547, tentou enganar o Santo, ordenando a um seu oficial que vestisse as suas roupas e se encontrasse com S. Bento, como se fosse o próprio rei. Mas foi imediatamente reconhecido e voltou para contar a Tótila o que tinha sucedido.

O sexto painel lembra o aparecimento, sem se saber como, de duzentas medidas de farinha em sacas, à porta do Convento, quando a região da Campânia sofria uma grande escassez de alimentos e os frades passavam privações na sua alimentação.

Do lado direito do painel aparece uma referência ao célebre Mosteiro de Einsiedeln, na Suíça, grande centro cultural e de grande importância na expansão do espírito beneditino.

A revelação dos planos para a construção do mosteiro de Terracina está retratada no painel seguinte.

S. Bento envia frades para esta cidade com a finalidade de construírem um mosteiro e assegura-lhes que ele próprio lhes dará todas as informações necessárias. De facto, através de um sonho são revelados todos os planos de construção.

O lado direito apresenta a “Regra”, onde se descrevem as ações e procedimentos dos monges e cuja divisa é «Ora et Labora», Reza e Trabalha.

O oitavo painel apresenta o último encontro de S. Bento com a sua irmã, Santa Escolástica, durante o qual se verificou o milagre da tempestade.

Aos pedidos da irmã, para que este encontro se prolongasse, S. Bento reagiu negativamente. Sucedeu, porém, uma violenta tempestade, que impediu que o Santo regressasse ao Convento e deixasse a irmã.

O lado direito do painel faz alusão à ação evangelizadora, dos portugueses no Brasil.

O quadro que se apresenta no painel seguinte reflete a visão protagonizada por S. Bento, quando, à noite, estando à sua janela, viu o mundo inteiro como que recolhido num único raio de luz e a alma do bispo de Cápua, Germano, ser conduzida por um anjo, em direção ao paraíso.

Referência, no lado direito, para Santa Cecília, padroeira da música, e a Abadia beneditina de Solesmes, onde se desenvolveu o canto gregoriano e cuja biblioteca possuía extraordinárias coleções de manuscritos musicais.

O último painel refere a morte de S. Bento, anunciada antecipadamente, pelo próprio, aos seus discípulos.

A morte não é o fim, mas o início da ação evangelizadora. Atualmente, S. Bento é designado como o patriarca do Ocidente e o “Pai da Europa”.

Casa do Apostolado

É assim chamado o aproveitamento de dois edifícios contíguos, outrora destinados ao quartel da GNR e à residência do Capelão.

Sentido-se a necessidade de um edifício para a realização de atos de índole pastoral, foi criada esta estrutura.

Fundamentalmente, destina-se este centro pastoral ou casa de apostolado a prestar ajuda aos movimentos e obras apostólicas dos concelhos de Vieira do Minho e Terras de Bouro.

Casa das Estampas

Adaptada aos tempos correntes, nela se vendem os bens e recordações relativos a São Bento da Porta Aberta e à sua ação pastoral e taumatúrgica.

É, também, o local para entrega de objetos e esmolas para a celebração das Missas.

Casa dos ex-votos

Anexa à Casa das Estampas existe a “Casa dos ex-votos”, que alberga todas as recordações entregues pelos fiéis devotos do Santo Patriarca.

Destacam-se os objetos de ouro e prata, as vestes de casamento e baptizado, as velas, as fotografias, as próteses, os têxteis, entre outros objetos pessoais.

Enfermaria

Atendendo a que são milhares – sobretudo nos meses de junho, julho, agosto e setembro – as pessoas que no dia a dia percorrem a pé os caminhos que levam ao santuário, há necessidade de um acolhimento eficaz, numa vertente da saúde.

Para solucionar esta dificuldade construiu-se uma enfermaria para atendimento de todos os peregrinos. Dispõe de 14 camas e enfermeira permanente.

Ao fim de semana e, diariamente durante o Verão, os serviços são complementados por uma médica.

Parque de Merendas e Lazer

Dispõe hoje o santuário de um parque sobranceiro, para que os peregrinos possam descansar, divertir-se e tomar as suas refeições.

Possui um lago com barcos, várias mesas e bancos para refeições e descanso.

Os novos terrenos destinados ao parque estão em estudo como parques temáticos.

Notícias diversas

«**Cristo sofreu por nós**» foi o tema de uma exposição com peças do casal de artesãos de Barcelos Eduardo e Maria de Jesus Pias inaugurada em 06 de março na Loja do Tesouro-Museu da Sé. Pode ser visitada até 06 de abril.

A Celestial Ordem Terceira da Igreja do Pópulo, no arciprestado de Braga, apresentou em 08 de março obras de reabilitação da capela lateral de Santa Mónica, cujos trabalhos decorreram durante 14 meses.

Consta de um retábulo em talha dourada, soalho em madeira, três imagens escultóricas também em madeira, painéis azulejares e teto policromado, datados do século XVIII.

Aguardam-se intervenções de fundo na tribuna, na capela lateral de Santa Apolónia e no altar das relíquias existente no interior da sacristia.

A igreja paroquial de S. Vítor, em Braga, tem as paredes interiores revestidas com 11.700 azulejos que retratam, entre outras cenas, o martírio de S. Vítor.

7. Educação da Fé

Notícias diversas

Teologia Revisitada. O segundo semestre do curso de formação avançada «Teologia Revisitada», promovido pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica - Braga, subordinado ao tema «Catequese de Adultos – para promover uma Igreja Adulta e estimular as corresponsabilidade e colaboração eclesial», principiou em 03 de março.

Miguel Gonçalves foi nomeado diretor das Faculdades de Filosofia e Ciências Sociais do Centro Regional de Braga da Universidade Católica Portuguesa. Já era diretor da Faculdade de Filosofia.

A Pastoral Universitária promoveu em Santa Isabel do Monte, Terras de Bouro, entre 28 de fevereiro e 01 de março, um retiro quaresmal destinado a estudantes.

O Dia Arciprestal do Acólito, em Famalicão, realizou-se em 07 de março no Colégio das Caldinhas e teve por tema «Sede de Deus».

A Equipa Arciprestal de Catequese de Vila Nova de Famalicão promoveu em 06 de março, no Seminário dos Missionários

Combonianos, uma recolção destinada a todos os catequistas do arciprestado. Subordinou-se ao tema «Fortalecei os vossos corações».

O Centro Regional de Braga da Universidade Católica Portuguesa fez em 14 de março a entrega de diplomas e prémios a licenciados, pós-graduados e mestres que concluíram os cursos no ano letivo de 2013-2014.

A celebração litúrgica do Domingo de Ramos, com que principiou a Semana Santa, realizou-se em 29 de março na Sé de Braga. A Eucaristia, a que presidiu o senhor D. Jorge Ortiga, foi precedida de uma procissão que teve o seu início na igreja de S. Paulo.

À tarde saiu para a rua a Procissão do Senhor dos Passos, a que presidiu também o senhor Arcebispo Primaz. O sermão do encontro, em frente à igreja de Santa Cruz, foi proferido pelo Cônego José Paulo Abreu.

Ao longo da Quaresma realizaram-se também Procissões de Passos em diversos pontos da Arquidiocese.

A Semana Santa foi precedida da inauguração de diversas exposições e concertos musicais.

Na noite do dia 28, após a trasladação da imagem do Senhor dos Passos da igreja de Santa Cruz para a igreja de S. Paulo, houve uma via-sacra que percorreu os diversos calvários existentes na cidade de Braga.

O cortejo bíblico «Vós sereis o meu povo», popularmente conhecido por «Procissão da Burrinha», saiu à rua na noite de 01 de abril, com a participação de um milhar de figurantes. No quadro da Catequese as crianças representaram as catorze obras de misericórdia.

Organizado pela paróquia de S. Vítor e pela Junta de Freguesia, o cortejo reapareceu em 1998, após um interregno de cerca de 30 anos.

Insere-se no programa das solenidades da Quaresma e da Semana Santa.

8. Apostolado dos Leigos

Notícias diversas

A Liga Eucarística organizou em 15 de março um retiro quaresmal na Casa da Torre, em Soutelo, arceprelado de Vila Verde.

Um Curso de Preparação para o Matrimónio (CPM), participado por 45 pares de noivos, realizou-se no salão paroquial de S. João de Ponte, no arceprelado de Guimarães e Vizela. Consistiu de seis sessões.

A Cúria Juvenil de Braga da Legião de Maria realizou em 08 de março uma via-sacra ao Bom Jesus do Monte.

A Cúria Juvenil Nossa Senhora da Anunciação (Braga) tem sete praesidia: Nossa Senhora do Sameiro (Gualtar), Imaculada Conceição (Cabreiros), Nossa Senhora da Guia (S. Julião de Passos), Santa Maria de Braga (Sé), Nossa Senhora do Belo Amor (Póvoa/Palmeira), Nossa Senhora da Assunção (Panoias).

O Agrupamento de Escuteiros de Montariol promoveu em 21 de março, no espaço exterior do convento, uma Via-Sacra Jovem com a teatralização da Paixão e Morte de Jesus.

Fundado em 1980 por Frei Henrique Perdigão, o Agrupamento 660 do CNE, de Montariol, conta com 105 elementos e iniciou em 15 de março as comemorações do 35.º aniversário.

O Agrupamento n.º 663 do Corpo Nacional de Escutas de Moreira de Cónegos, no arciprestado de Guimarães e Vizela, promoveu em 21 de março um colóquio subordinado ao tema «Abraão e os caminhos do Escutismo». No mesmo dia foi inaugurada uma exposição fotográfica evocativa dos seus 35 anos.

O Agrupamento n.º 82 do Corpo Nacional de Escutas, de S. Bartolomeu do Mar, arciprestado de Esposende, encenou em 28 de março a Paixão de Jesus.

A Irmandade de Nossa Senhora do Carmo do monte da Penha, no arciprestado de Guimarães e Vizela, elegeu em 21 de março os corpos sociais para os próximos três anos. Roriz Mendes foi reconduzido no cargo de juiz.

Terminado um ciclo de grandes investimentos, realizados nos últimos nove anos e que ascenderam a cerca de um milhão de euros, a Mesa Administrativa considera agora prioritários a qualidade dos serviços e a conquista de visitantes àquela estância.

O Setor de Braga das Equipas de Nossa Senhora promoveu em 07 de março na Casa da Torre, em Soutelo, um encontro de preparação para a Quaresma.

O Grupo Copral Litúrgico da paróquia de Santa Cristina de Cerzedelo, arciprestado de Guimarães e Vizela, homenageou em 29 de março o seu organista e regente Adão José de Castro.

Nascido em 24 de março de 1933, Adão José de Castro serve o Grupo Coral Litúrgico desde 1962.

Pai de seis filhos e avô de onze netos, é também secretário do Conselho Económico Paroquial.

9. Pastoral Social

Notícias diversas

A Semana Nacional da Caritas realizou-se entre 01 e 08 de março e teve por tema «Num só coração, uma só família humana».

Na arquidiocese de Braga, ao longo do ano, a Caritas apoiou 6.573 pessoas com ajudas no valor global de 124.023 euros e 99 cêntimos.

A Pastoral Universitária de Braga tem em curso o projeto “Mais Saúde”, que tem como “objetivo a prestação de cuidados de saúde personalizados e de excelência, em regime de voluntariado”.

São várias as áreas abrangidas pela iniciativa, como a medicina, enfermagem, terapia da fala, psicologia e gerontologia.

Os cuidados passam pela prevenção, educação, proteção, tratamento da doença, reabilitação e assistência técnica em ambiente institucional ou domiciliar.

Um olhar sobre a política foi o tema de um encontro realizado em 13 de março no Auditório Vita, com a participação de Assunção Cristas, José Junqueiro e Miguel Morgado.

No dia 20 realizou-se um outro encontro centrado na temática da **família** e em que participaram António Pinto Leite, Margarida Cordo e Rosário Carneiro.

Inseridas no projeto «Nova Ágora», estas e outras iniciativas pretendem promover um espaço de encontro e reflexão entre crentes e não crentes, envolvendo, sem restrições, toda a sociedade civil.

A Sociedade de S. Vicente de Paulo reuniu em Braga, nos Serviços Centrais da Arquidiocese, em 14 de março, em assembleia nacional.

Os 22 conselhos centrais aprovaram o relatório e contas do exercício de 2014 e decidiram que o limite de idade para o exercício de cargos no Conselho Nacional, nos Concelhos Centrais e nas Conferências passe dos 70 para os 75 anos.

O Conselho Central de Braga da Sociedade de S. Vicente de Paulo reuniu em 21 de março nos Serviços Centrais da Arquidiocese e na Basílica dos Congregados.

O programa incluiu a celebração da Eucaristia e intervenções do senhor D. Francisco Senra Coelho e do Cónego Roberto Rosmaninho Mariz.

O Conselho agrega 90 conferências vicentinas.

O Lar Familiar da Tranquilidade, da paróquia da Vila das Aves, iniciou em 27 de março as comemorações do 25.º aniversário. Incluem também o 15.º aniversário do Centro de Apoio António Martins Ribeiro.

Aquela Instituição Privada de Solidariedade Social tem, entre outras valências, um lar de idosos, com 50 utentes; um serviço de apoio domiciliário, com 30 utentes; um centro de dia, com 10 utentes.

No Centro de Apoio António Martins Ribeiro há piscina, ginásio e outras atividades de lazer e bem-estar.

As comemorações terminam no domingo de Páscoa, 05 de abril.

10. Memória

Mons. Araújo Costa

No dia 26 de maio ocorre o aniversário de nascimento de monsenhor António de Araújo Costa. Não chegou a completar 73 anos de vida; mas foi tempo suficiente para construir um património notável no plano eclesástico, religioso e social que honra e enriquece o arciprestado de Guimarães e Vizela e a própria arquidiocese de Braga.

É ocasião de avivar a memória e homenagear quem fez da sua vida serviço a Deus e ao próximo.

Mons. António de Araújo Costa nasceu na freguesia de Mouquim, Vila Nova de Famalicão, a 26 de maio de 1915.

Terminada a instrução primária, dedicou-se alguns anos ao trabalho agrícola com seus pais e irmãs, pequenos proprietários rurais, que, entretanto, fixaram residência na freguesia do Louro do mesmo concelho.

Pelos 14 anos ingressou no Seminário diocesano de Braga, concluindo o curso teológico em 1940. Nesse ano, a 30 de junho, recebe a Ordenação Sacerdotal do Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior, celebrando a Primeira Missa, no Santuário do Sameiro, a 7 de julho seguinte. Acompanharam-no, nesta primeira celebração, além de seus pais, as quatro irmãs e amigos, os párocos

das freguesias de nascimento e de residência com o saudoso padre Benjamin Salgado com a missão de cantar as glórias do sacerdócio na alocação da Santa Missa.

A 25 de agosto de 1940, o mesmo Prelado nomeou-o pároco da vila das Taipas, exercendo aí o múnus pastoral durante 7 anos, servindo ao mesmo tempo, as paróquias de S. Clemente de Sande e de Barco.

A 19.10.1947, cessando o mandato na referida paróquia, toma posse da paróquia de Nossa Senhora da Oliveira, como pároco e arcepreste de Guimarães, cargo que exerceu até 1978, renunciando ao mesmo por motivos de saúde.

Em 1960, o Santo Padre João XXIII nomeou-o Prelado Doméstico com o título de Monsenhor.

Em 1967, D. Francisco Maria da Silva, Arcebispo Primaz, confere-lhe o cargo de Dom Prior da Colegiada de Guimarães e Vigário Episcopal da Zona pastoral de Guimarães.

Em 1978, D. Eurico Dias Nogueira, nomeia-o Vigário Episcopal do Clero, cargo que exerceu até fins de 1981.

Faleceu em 25 de março de 1988.

*De «O Conquistador»
27 de março de 2015.*

3.

Da Santa Sé

Jubileu da misericórdia

Durante uma celebração penitencial na basílica de São Pedro, em 13 de março, o Papa Francisco anunciou o Ano Santo da Misericórdia - O grande perdão. É o 29.º jubileu na história da Igreja Católica.

«Pensei muitas vezes no modo como a Igreja pode tornar mais evidente a sua missão de ser testemunha da misericórdia. É um caminho que começa com uma conversão espiritual; e devemos fazer este caminho. Por isso decidi proclamar um jubileu extraordinário que tenha no seu centro a misericórdia de Deus. Será um Ano santo da misericórdia», anunciou o Papa Francisco na tarde de 13 de março, segundo aniversário da sua eleição ao Pontificado, durante uma celebração da penitência a que presidiu na basílica vaticana.

Também este ano, na vigília do quarto Domingo de Quaresma, nos reunimos para celebrar a liturgia penitencial. Estamos unidos a tantos cristãos que, hoje, em todas as partes do mundo, aceitaram o convite para viver este momento como sinal da bondade do Senhor. Com efeito, o Sacramento da Reconciliação permite que nos aproximemos com confiança do Pai para ter a certeza do seu perdão. Ele é deusas «rico em misericórdia» e difunde-a em abundância sobre quantos a Ele recorrem com coração sincero.

Contudo, estar aqui para experimentar o seu amor é em primeiro lugar fruto da sua graça. Como nos recordou o apóstolo Paulo, Deus nunca deixa de mostrar a riqueza da sua misericórdia no decorrer dos séculos. A transformação do coração que nos leva a confessar os nossos pecados é «dom de Deus». Sozinhos não somos capazes. Poder confessar os nossos pecados é um dom de Deus, é uma dádiva, é, «obra sua» (cf. Ef 2, 8-10). Por conseguinte, ser tocados com ternura pela sua mão e plasmados pela sua graça permite que nos aproximemos do sacerdote sem reear pelas nossas culpas, mas com a certeza de sermos por ele acolhidos no nome de Deus, e compreendidos não obstante as nossas misérias; e também que nos aproximemos sem um advogado defensor: temos um só, que deu a sua vida pelos nossos pecados! É Ele que, com o Pai, nos defende sempre. Ao sair do confessionário, sentiremos a sua força que volta a dar vida e restitui o entusiasmo da fé. Depois da confissão renascemos.

Deus perdoa e esquece

O Evangelho que ouvimos (cf. Lc 7, 36-50) abre-nos um caminho de esperança e de conforto. É bom sentir sobre nós o mesmo olhar compassivo de Jesus, assim como o sentiu a mulher pecadora na casa do fariseu. Neste trecho repetem-se com frequência duas palavras: amor e juízo.

Há o amor da mulher pecadora que se humilha diante do Senhor; mas ainda antes há o amor misericordioso de Jesus por ela, que a estimula a aproximar-se. O seu choro de arrependimento e de alegria lava os pés do Mestre, e os seus cabelos enxugam-nos com gratidão; os beijos são expressão do seu afeto puro; e o perfume que deitou com abundância confirma quanto Ele é precioso aos seus olhos.

Cada gesto desta mulher fala de amor e exprime o seu desejo de ter uma certeza inabalável na sua vida: ser perdoada. Esta certeza é uma boa certeza! E Jesus dá-lhe esta certeza: acolhendo-a demonstra-lhe o amor de Deus por ela, precisamente por ela, uma pecadora pública!

O amor e o perdão são simultâneos: Deus perdoa-lhe muito, perdoa-lhe tudo, porque «amou muito» (Lc 7, 47); e ela adora Jesus porque sente que n'Ele há misericórdia e não condenação. Sente que Jesus a compreende com amor, a ela, que é uma pecadora. Graças a Jesus, Deus esquece os seus muitos pecados, não os recorda mais (cf. Is 43, 25). Porque também isto é verdade: quando Deus perdoa, esquece. É grande o perdão de Deus! Agora para ela começa uma nova fase; renasceu no amor e numa vida nova.

Esta mulher encontrou deusas o Senhor. No silêncio, abriu-lhe o seu coração; na dor, mostrou-lhe o arrependimento pelos seus pecados; com o seu choro, apelou-se à sua bondade divina para receber o perdão. Para ela não haverá juízo algum a não ser o que vem de Deus, e este é o juízo da misericórdia. O protagonista deste encontro é certamente o amor que vai além da justiça.

Amor formal

Ao contrário, Simão, o dono de casa, o fariseu, não consegue encontrar o caminho do amor. Tudo é calculado, refletido... Permanece firme no limiar da formalidade. Isto é mau, o amor formal, não se compreende. Não é capaz de dar o passo seguinte para ir ao encontro de Jesus que o leva à salvação.

Simão limitou-se a convidar Jesus para almoçar, mas não o recebeu deusas. Nos seus pensamentos invoca apenas a justiça e fazendo assim erra. O seu juízo sobre a mulher afasta-o da verdade e nem sequer lhe permite compreender quem é o seu hóspede.

Deteve-se à tona - na formalidade - não foi capaz de ver no coração. Diante da parábola de Jesus e da pergunta sobre qual foi o servo que mais amou, o fariseu responde corretamente: «Aquele a quem perdoou mais». E Jesus não deixa de lhe fazer observar: «Julgaste bem» (Lc 7, 43). Só quando o juízo de Simão se orienta para o amor, ele é justo.

A Igreja não rejeita ninguém

O chamamento de Jesus leva cada um de nós a nunca se deter na superfície das coisas, sobretudo quando estamos diante de uma pessoa. Somos chamados a olhar para além, a fixar o coração para ver de quanta generosidade cada um é capaz.

Ninguém pode ser excluído da misericórdia de Deus; todos conhecem o caminho para aceder a ela e a Igreja é a casa que acolhe todos e não rejeita ninguém. As suas portas permanecem abertas, para que quantos são tocados pela graça possam encontrar a certeza do perdão. Quanto maior for o pecado maior deve ser o amor que a Igreja manifesta em relação àqueles que se convertem.

Com quanto amor Jesus olha para nós! Com quanto amor cura o nosso coração pecador! Nunca se assusta com os nossos pecados. Pensemos no filho pródigo que, quando decide voltar para o pai, pensa no que lhe deve dizer, mas o pai não o deixa falar, abraça-o (cf. Lc 15, 17-24). Assim faz Jesus connosco. «Pai, cometi tantos pecados...» – «Mas Ele ficará contente se tu fores: abraça-te com tanto amor! Não tenhas receio».

Jubileu da misericórdia

Queridos irmãos e irmãs, pensei muitas vezes no modo como a Igreja pode tornar mais evidente a sua missão de ser testemunha da misericórdia. É um caminho que começa com uma conversão espiritual; e devemos percorrer este caminho. Por isso decidi proclamar um Jubileu extraordinário que tenha no seu centro a misericórdia de Deus. Será um Ano Santo da Misericórdia. Queremos vivê-lo à luz da palavra do Senhor: «Sede misericordiosos como o Pai» (cf. Lc 6, 36). E isto sobretudo para os confessores! Muita misericórdia!

Este Ano Santo terá início na próxima solenidade da Imaculada Conceição e concluir-se-á a 20 de Novembro de 2016, Domingo de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo e rosto vivo da

misericórdia do Pai. Confio a organização deste Jubileu ao Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, para que o possa animar como uma nova etapa do caminho da Igreja na sua missão de levar o Evangelho da misericórdia a todas as pessoas.

Estou certo de que toda a Igreja, que tem tanta necessidade de receber misericórdia, porque somos pecadores, poderá encontrar neste Jubileu a alegria para redescobrir e tornar fecunda a misericórdia de Deus, com a qual cada um de nós está chamado a dar conforto a todos os homens e mulheres do nosso tempo.

Não nos esqueçamos de que Deus perdoa tudo, e Deus perdoa sempre. Não nos cansemos de pedir perdão. Desde já confiamos este Ano à Mãe da Misericórdia, para que dirija para nós o seu olhar e vele sobre o nosso caminho: o nosso caminho penitencial, o nosso caminho com o coração aberto, durante um ano, para receber a indulgência de Deus, para receber a misericórdia de Deus.

Algumas notas

*A abertura do próximo Jubileu coincidirá com o quinquenário do encerramento do Concílio Ecuménico Vaticano II, em 1965, e isso o leva a adquirir um significado especial, encorajando a Igreja a prosseguir a obra iniciada no Concílio.

*No Jubileu, as leituras para os domingos do tempo comum serão extraídas do Evangelho de Lucas, chamado “o evangelista da misericórdia”.

Algumas das parábolas mais conhecidas escritas por ele são as da ovelha perdida, a da moeda perdida e a do pai misericordioso.

*De modo solene e oficial, o Ano Santo será anunciado com a leitura e a publicação da Bula, na Porta Santa, no Domingo da Divina Misericórdia, festividade criada por São João Paulo II, celebrada no domingo depois da Páscoa.

*O rito inicial do Jubileu é a abertura da Porta Santa: esta porta é aberta exclusivamente durante o Ano Santo, enquanto nos outros anos, permanece murada.

As quatro Basílicas Maiores de Roma têm portas santas: São Pedro, São João de Latrão, São Paulo fora dos Muros e Santa Maria Maior.

O rito de abrir a Porta Santa expressa simbolicamente o conceito que, durante o Jubileu, é oferecido aos fiéis um “percurso extraordinário” rumo à salvação.

Um tema querido do Papa

A misericórdia é um tema muito presente no atual pontificado. Já como bispo Jorge Mario Bergoglio tinha escolhido como lema ‘miserando atque eligendo’, que evoca uma passagem do Evangelho segundo São Mateus: “olhou-o com misericórdia e escolheu-o”.

No primeiro ângelus após a sua eleição, há dois anos, Francisco falou da misericórdia como a palavra que “muda o mundo”.

Em novembro de 2013, o Papa surpreendeu dezenas de milhares de pessoas reunidas no Vaticano com a sugestão de um ‘medicamento espiritual’ para as suas vidas, distribuído numa caixa própria, a ‘Misericordina’.

O Papa propôs assim a recitação do chamado ‘terço da Divina Misericórdia’, uma devoção católica baseada nas visões de Santa Faustina Kowalska (1905-1938), canonizada por João Paulo II em 2000.

A 11 de janeiro de 2015, no ângelus, o Papa falou na “necessidade” da misericórdia, apelando ao compromisso dos leigos nos vários espaços sociais.

Já na sua mensagem para a Quaresma 2015, Francisco deixou votos de que as paróquias e comunidades católicas se tornem “ilhas de misericórdia no meio do mar da indiferença”.

A palavra ‘misericórdia’ aparece mais de 30 vezes na primeira exortação apostólica do pontificado, ‘Evangelii gaudium’ (A alegria do Evangelho).

Assistência ao idoso e cuidados paliativos

Discurso do Papa Francisco aos participantes numa sessão plenária da Pontifícia Academia para a Vida, em 05 de março de 2015.

Amados irmãos e irmãs!

Saúdo-vos cordialmente por ocasião da vossa Assembleia geral, chamada a reflectir sobre o tema «Assistência ao idoso e cuidados paliativos», e agradeço ao Presidente as suas gentis palavras. Apraz-me saudar de modo especial o cardeal Sgreccia que é um pioneiro... Obrigado.

Os cuidados paliativos são expressão da propensão humana para cuidar uns dos outros, sobretudo dos que sofrem. Eles testemunham que a pessoa humana permanece sempre preciosa, mesmo quando está marcada pela velhice e pela doença. Com efeito, a pessoa, em qualquer circunstância, é um bem para si mesma e para os outros e é amada por Deus. Por isso, quando a sua vida se torna frágil e se aproxima a conclusão da existência terrena, sentimos a responsabilidade de a assistir e acompanhar da melhor maneira.

O mandamento bíblico que nos pede para honrar os pais, recorda-nos em sentido lato a honra que devemos a todas as pessoas idosas. A este mandamento Deus associa uma dúplice promessa: «para que os teus dias se prolonguem» (Êx 20, 12) e — a outra «para que sejas feliz» (Dt 5, 16). A fidelidade ao quarto mandamento garante não só o dom da terra, mas sobretudo a possibilidade de desfrutar dela. Com efeito, a sabedoria que nos faz reconhecer o valor da pessoa idosa e nos leva a honrá-la, é a mesma sabedoria que nos permite apreciar os numerosos dons

que recebemos diariamente da mão da providência do Pai e por eles sentir-nos felizes. O preceito revela-nos a relação pedagógica fundamental entre os pais e os filhos, entre os idosos e os jovens, em referência à preservação e transmissão do ensinamento religioso e sapiencial às gerações futuras. Honrar este ensinamento e aqueles que o transmitem é fonte de vida e de bênção.

Ao contrário, a Bíblia faz uma admoestação severa aos que descuidam ou maltratam os pais (cf. Êx 21, 17; Lv 20, 9). O mesmo juízo é válido hoje quando os pais, sendo já idosos e menos úteis, são marginalizados até ao abandono; e temos muitos exemplos disto!

A palavra de Deus é sempre viva e vemos bem como o mandamento é de extrema actualidade para a sociedade contemporânea, na qual a lógica da utilidade prevalece sobre a solidariedade e a gratuidade, até no âmbito familiar. Por conseguinte, ouçamos com coração dócil a palavra que nos é dita nos mandamentos os quais, recordemo-lo sempre, não são vínculos que aprisionam, mas palavras de vida.

«Honrar» hoje poderia ser traduzido também como o dever de ter extremo respeito e cuidar de quem, devido à sua condição física ou social, se poderia deixar morrer ou «fazer morrer». Toda a medicina tem um papel especial no âmbito da sociedade como testemunha da honra que se deve à pessoa idosa e a cada ser humano. Evidência e eficiência não podem ser os únicos critérios que governam a acção médica, nem o devem ser as regras dos sistemas de saúde e o proveito. O Estado não pode pensar em lucrar com a medicina. Ao contrário, não há dever mais importante para a sociedade do que preservar a pessoa humana.

O vosso trabalho destes dias explora novas áreas de aplicação dos cuidados paliativos. Até agora elas foram um precioso acompanhamento para os doentes oncológicos, mas hoje as doenças são muitas e diversas, com frequência relacionadas com a velhice, caracterizadas por um definhamento crónico progressivo e podem servir-se deste tipo de assistência. Os idosos precisam antes de tudo dos cuidados dos familiares — cujo afecto não pode ser

substituído nem sequer pelas estruturas mais eficientes ou pelos agentes de saúde mais competentes e caridosos. Quando não são auto-suficientes ou com doença em estágio avançado ou terminal, os idosos podem gozar de uma assistência deveras humana e receber respostas adequadas às suas exigências graças aos cuidados paliativos oferecidos como integração e apoio às atenções prestadas pelos familiares. Os cuidados paliativos têm por objectivo aliviar os sofrimentos na fase final da doença e ao mesmo tempo garantir ao doente um acompanhamento humano adequado (cf. Carta enc. *Evangelium vitae*, 65). Trata-se de um apoio importante sobretudo para os idosos, os quais, devido à idade, recebem cada vez menos atenção da medicina curativa e muitas vezes são abandonados. O abandono é a «doença» mais grave para o idoso, e também a maior injustiça da qual pode ser vítima: aqueles que nos ajudaram a crescer não devem ser abandonados quando precisam da nossa ajuda, do nosso amor e da nossa ternura.

Por conseguinte, aprecio o vosso compromisso científico e cultural a fim de garantir que os cuidados paliativos possam chegar a quantos deles precisam. Encorajo os profissionais e os estudantes a especializarem-se neste tipo de assistência que não possui menos valor pelo facto de «não salvar a vida». Os cuidados paliativos realizam algo igualmente importante: valorizam a pessoa. Exorto todos os que, de vários modos, estão comprometidos no âmbito dos cuidados paliativos, a assumir este compromisso conservando íntegro o espírito de serviço e recordando que qualquer conhecimento médico só é deveras ciência, no seu significado mais nobre, se se colocar como auxílio em vista do bem do homem, um bem que nunca se alcança «contra» a sua vida e a sua dignidade.

É esta capacidade de serviço à vida e à dignidade da pessoa doente, mesmo quando é idosa, que mede o verdadeiro progresso da medicina e de toda a sociedade. Repito o apelo de são João Paulo II: «Respeita, defende, ama e serve a vida, qualquer vida humana! Só por este caminho encontrarás justiça, progresso, verdadeira liberdade, paz e felicidade!» (cf. *ibid.*, 5).

Faço votos que continueis o estudo e a pesquisa, para que a obra de promoção e defesa da vida seja cada vez mais eficaz e fecunda. Assista-vos a Virgem Mãe, Mãe de vida, e vos acompanhe a minha Bênção. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim.

Sacramento da Reconciliação

Discurso proferido pelo Papa Francisco, em 12 de março, aos participantes num curso promovido pelo Tribunal da Penitenciaría Apostólica, destinado a ajudar os novos sacerdotes e os candidatos à Ordem sagrada a administrar corretamente o Sacramento da Reconciliação.

Amados irmãos!

Sinto-me particularmente feliz, neste tempo de Quaresma, por me encontrar convosco por ocasião do anual Curso sobre o Foro Interno organizado pela Penitenciaría Apostólica. Dirijo uma cordial saudação ao Cardeal Mauro Piacenza, Penitenciário-Mor, e agradeço-lhe as suas gentis expressões. Agradeço-lhe os votos que me formulou, mas gostaria de partilhar também outra data: além de amanhã, dois anos de pontificado, hoje celebra-se o 57º aniversário da minha entrada na vida religiosa. Rezai por mim! Saúdo o Regente, D. Krzysztof Nykiel, os Prelados, os Oficiais e o Pessoal da Penitenciaría, os Colégios dos Penitenciários ordinários e extraordinários das Basílicas Papais na Cidade, e todos vós

participantes no Curso, que tem como finalidade pastoral ajudar os novos sacerdotes e os candidatos à Ordem sagrada a administrar correctamente o Sacramento da Reconciliação.

Os Sacramentos, como sabemos, são o lugar da proximidade e da ternura de Deus pelos homens; eles são o modo concreto que Deus pensou, que quis para vir ao nosso encontro, para nos abraçar, sem se envergonhar de nós e dos nossos limites.

Entre os Sacramentos, certamente o da Reconciliação torna presente com eficácia especial o rosto misericordioso de Deus: concretiza-o e manifesta-o contínua e incessantemente.

Nunca nos esqueçamos disto, quer como penitentes quer como confessores: não existe pecado algum que Deus não possa perdoar! Nenhum! Só aquilo que é subtraído à divina misericórdia não pode ser perdoado, assim como quem se subtrai ao sol não pode ser iluminado nem aquecido.

À luz deste maravilhoso dom de Deus, gostaria de frisar três exigências: viver o Sacramento como meio de educar para a misericórdia; deixar-se educar por quanto celebramos; preservar o olhar sobrenatural.

1. Viver o Sacramento como meio de educar para a misericórdia, significa ajudar os nossos irmãos a fazer experiência de paz e compreensão, humana e cristã.

A Confissão não deve ser uma «tortura», mas todos deveriam sair do confessionário com a felicidade no coração, com o rosto radiante de esperança, mesmo se por vezes — sabemo-lo — molhado pelas lágrimas da conversão e da alegria que disso deriva (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 44).

O Sacramento, com todos os atos do penitente, não implica que ele se torne um interrogatório pesado, importuno e indiscreto. Ao contrário, deve ser um encontro libertador e rico de humanidade, através do qual poder educar para a misericórdia, que não

exclui, aliás inclui até o justo compromisso a reparar, na medida do possível, o mal cometido.

Assim, o fiel sentir-se-á convidado a confessar-se com frequência, e aprenderá a fazê-lo no melhor dos modos, com aquela delicadeza de espírito que tanto bem faz ao coração — também ao coração do confessor! Deste modo nós, sacerdotes, fazemos crescer a relação pessoal com Deus, para que se dilate nos corações o seu Reino de amor e de paz.

Muitas vezes confunde-se a misericórdia com ser confessor «de mangas largas».

Mas pensai nisto: não é misericordioso um confessor de mangas largas, nem um confessor severo. Nenhum dos dois. O primeiro, porque diz: «Vai em frente, isto não é pecado, vai, vai!». O outro porque diz: «Não, a lei diz...».

Mas nenhum dos dois trata o penitente como irmão, nem o toma pela mão e o acompanha no seu percurso de conversão! Um diz: «Vai, tranquilo, Deus perdoa tudo. Vai, vai». O outro diz: «Não, a lei diz não».

Ao contrário, o misericordioso escuta-o, perdoa-o, mas ocupa-se dele e acompanha-o, porque a conversão, sim, começa — talvez — hoje, mas deve continuar com a perseverança... Assume-o sobre si, como o Bom Pastor que vai procurar a ovelha tresmalhada e a carrega sobre os ombros. Mas não se deve confundir: isto é muito importante.

Misericórdia significa ocupar-se do irmão ou da irmã e ajudá-los a caminhar. Não dizer «ah, não, vai, vai!», ou a rigidez. Isto é muito importante.

E quem pode fazer isto? O confessor que reza, o confessor que chora, o confessor que sabe que é mais pecador que o penitente, e se não fez pior daquilo que o penitente confessa, é simplesmente por graça de Deus.

Misericordioso é estar próximo e acompanhar o processo da conversão.

2. E é precisamente a vós confessores que digo: deixai-vos educar pelo Sacramento da Reconciliação! Segundo ponto.

Quantas vezes nos acontece ouvir confissões que nos edificam! Irmãos e irmãs que vivem uma autêntica comunhão pessoal e eclesial com o Senhor e um amor sincero pelos irmãos. Almas simples, almas pobres em espírito, que se abandonam totalmente ao Senhor, que confiam na Igreja e, por isso, também no confessor.

Temos a ocasião também, muitas vezes, de assistir a verdadeiros milagres de conversão. Pessoas que há meses, por vezes há anos, estão sob o domínio do pecado e que, como o filho pródigo, voltam a si mesmas e decidem reerguer-se e voltar para a casa do Pai (cf. Lc 15, 17), para lhe implorar o perdão.

Mas como é agradável acolher estes irmãos e irmãs arrependidos com o abraço abençoador do Pai misericordioso, que nos ama tanto e faz festa para cada filho que volta a Ele com todo o coração!

Quanto podemos aprender da conversão e do arrependimento dos nossos irmãos! Eles estimulam-nos a fazer também nós um exame de consciência: eu, sacerdote, amo o Senhor, como esta velhota? Eu, sacerdote, que fui feito ministro da sua misericórdia, sou capaz de ter a misericórdia que há no coração deste penitente? Eu, confessor, estou disposto à mudança, à conversão, como este penitente, para cujo serviço fui destinado?

Muitas vezes estas pessoas edificam-nos.

3. Quando se ouvem as confissões sacramentais dos fiéis é preciso ter sempre presente o olhar interior dirigido para o Céu, para o sobrenatural.

Devemos antes de tudo reavivar em nós a consciência de que ninguém é colocado neste ministério por seu mérito; nem pelas próprias competências teológicas ou jurídicas, nem pelas próprias características humanas ou psicológicas.

Todos fomos constituídos ministros da reconciliação por mera graça de Deus, gratuitamente e por amor, aliás, precisamente por misericórdia. Eu fiz isto, isso e aquilo, agora devo perdoar...

Vem-me à mente aquele trecho final de Ezequiel 16, quando o Senhor reprova com palavras muito fortes a infidelidade do seu povo. No fim diz: «Mas perdoar-te-ei e colocar-te-ei acima das tuas irmãs — os outros povos — para as julgares, e tu serás mais importante do que elas, e farei isto para tua vergonha, para que te envergonhes do que fizeste».

A experiência: ao ouvir este pecado, esta alma que se arrepende com tanto sofrimento ou com tanta delicadeza de ânimo, sou capaz de me envergonhar dos meus pecados?

E esta é uma graça.

Somos ministros da misericórdia graças à misericórdia de Deus; nunca devemos perder este olhar sobrenatural, que nos torna deveras humildes, acolhedores e misericordiosos em relação a cada irmão e irmã que pede para se confessar.

E se eu não faço isto, se não caí naquele mau pecado ou não estou na prisão, é por mera graça de Deus, unicamente por isso! Não por meu mérito. E devemos sentir isto no momento da administração do Sacramento.

Também o modo de ouvir a confissão dos pecados deve ser sobrenatural: ouvir de modo sobrenatural, de modo diverso; respeitador da dignidade e da história pessoal de cada um, de modo que possa compreender o que Deus quer dele ou dela. Por isso a Igreja está chamada a «iniciar os seus membros — sacerdotes, religiosos e leigos — na “arte do acompanhamento”, para que todos aprendam sempre a tirar as sandálias diante da terra sagrada do outro» (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 169).

Até o maior pecador que vai diante de Deus para pedir perdão é «terra sagrada», e até eu que devo perdoar em nome de Deus posso cometer ações piores do que as que ele fez. Cada fiel penitente que se aproxima do confessor é «terra sagrada», terra sagrada para «cultivar» com dedicação, cuidado e atenção pastoral.

Amados irmãos, faço votos de que aproveiteis do tempo quaresmal para a conversão pessoal e para vos dedicardes generosamente à escuta das Confissões, de modo que o povo de Deus possa chegar

purificado à festa da Páscoa, que representa a vitória definitiva da Divina Misericórdia sobre todo o mal do mundo.

Confiemos na intercessão de Maria, Mãe da Misericórdia e Refúgio dos pecadores. Ela sabe como ajudar-nos, a nós pecadores.

Gosto muito de ler as Histórias de santo Afonso Maria de Ligório, e os diversos capítulos do seu livro «As glórias de Maria». Estas histórias de Nossa Senhora, que é sempre o refúgio dos pecadores e procura o caminho para que o Senhor perdoe tudo. Que Ela nos ensine esta arte.

Abençoo-vos de coração e, por favor, peço-vos que rezeis por mim. Obrigado!

A pena de morte é inadmissível

*Carta enviada em 20 de março pelo Papa Francisco
ao Presidente da Comissão Internacional contra a
Pena de Morte.*

Excelentíssimo Senhor Federico Mayor
Presidente da Comissão Internacional contra a Pena de Morte

Senhor Presidente:

Com estas palavras, desejo fazer chegar a minha saudação a todos os membros da Comissão Internacional contra a Pena de Morte, ao grupo de países que a apoiam, e a quantos colaboram com o organismo que Vossa Excelência preside. Além disso, desejo expressar a minha gratidão pessoal, e também dos homens de boa vontade, pelo seu compromisso com um mundo livre da pena de

morte e pela sua contribuição para o estabelecimento de uma moratória universal das execuções em todo o mundo, com o objetivo da abolição da pena capital.

Partilhei algumas ideias sobre este tema na minha carta à Associação Internacional de Direito Penal e à Associação Latino-Americana de Direito Penal e Criminologia, de 30 de Maio de 2014. Tive a oportunidade de refletir sobre elas no meu discurso às cinco grandes associações mundiais dedicadas ao estudo do direito penal, da criminologia, da vitimologia e das questões penitenciárias, de 23 de outubro de 2014. Nesta ocasião, desejo partilhar algumas reflexões com as quais a Igreja contribui para o esforço humanista da Comissão.

O Magistério da Igreja, a partir da Sagrada Escritura e da experiência milenar do Povo de Deus, defende a vida desde a concepção até à morte natural, e apoia a plena dignidade humana enquanto imagem de Deus (cf. Gn 1, 26). A vida humana é sagrada porque desde o seu início, desde o primeiro instante da concepção, é fruto da ação criadora de Deus (cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 2258), e a partir desse momento, o homem, única criatura que Deus amou por si mesma, é objeto de um amor pessoal por parte de Deus (cf. *Gaudium et spes*, 24).

Os Estados podem matar por ação quando aplicam a pena de morte, quando obrigam os seus povos à guerra ou quando realizam execuções extrajudiciais ou sumárias. Podem matar também por omissão, quando não garantem aos seus povos o acesso aos meios essenciais para a vida. «Assim como o mandamento “não matar” põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, assim também hoje devemos dizer “não a uma economia da exclusão e da desigualdade social”» (*Evangelii gaudium*, 53).

A vida, especialmente a humana, pertence unicamente a Deus. Nem sequer o homicida perde a sua dignidade pessoal e o próprio

Deus faz-se seu garante. Como ensina santo Ambrósio, Deus não quis castigar Caim com o homicídio, porque deseja o arrependimento do pecador e não a sua morte (cf. *Evangelium vitae*, 9).

Nalgumas ocasiões é necessário afastar proporcionalmente uma agressão em ato para evitar que um agressor cause um dano, e a necessidade de o neutralizar pode exigir a sua eliminação: é o caso da legítima defesa (cf. *Evangelium vitae*, 55). Sem dúvida, os pressupostos da legítima defesa pessoal não são aplicáveis ao meio social, sem risco de uma interpretação errada. Porque quando se aplica a pena de morte, mata-se pessoas não por agressões atuais, mas por danos cometidos no passado. Além disso, aplica-se a pessoas cuja capacidade de danificar não é atual mas já foi neutralizada, e encontram-se privadas da sua liberdade.

Hoje em dia a pena de morte é inadmissível, por muito grave que tenha sido o delito do condenado. É uma ofensa à inviolabilidade da vida e à dignidade da pessoa humana que contradiz o desígnio de Deus sobre o homem e a sociedade e a sua justiça misericordiosa, e impede que seja conforme com qualquer finalidade justa das penas. Não faz justiça às vítimas, mas fomenta a vingança.

Para um Estado de direito, a pena de morte representa uma falência, porque o obriga a matar em nome da justiça. Dostoevskij escreveu: «Matar quem matou é um castigo incomparavelmente maior que o crime cometido. O assassinio em virtude de uma sentença é mais assustador do que o assassinio que comete um criminoso». Nunca se alcançará a justiça matando um ser humano.

A pena de morte perde qualquer legitimidade devido à selectividade defeituosa do sistema penal e face à possibilidade de erro judiciário. A justiça humana é imperfeita, e não reconhecer a sua falibilidade pode transformá-la em fonte de injustiças. Com a aplicação da pena capital, nega-se ao condenado a possibilidade

da reparação ou correção do dano causado; a possibilidade da confissão, com a qual o homem expressa a sua conversão interior; e a possibilidade da contrição, pórtico do arrependimento e da expiação, para chegar ao encontro com o amor misericordioso e reparador de Deus.

Além disso a pena capital é uma prática frequente à qual recorrem alguns regimes totalitários e grupos de fanáticos, para o extermínio de dissidentes políticos, de minorias, e de qualquer sujeito classificado como «perigoso» ou que pode ser considerado como uma ameaça devido ao seu poder ou consecução dos seus fins. Como nos primeiros séculos, também no presente a Igreja sofre a aplicação desta pena aos seus novos mártires.

A pena de morte é contrária ao significado da humanitas e à misericórdia divina, que devem ser modelo para a justiça dos homens. Obriga a um tratamento cruel, desumano e degradante, como o são também a angústia prévia ao momento da execução e a terrível espera entre a emissão da sentença e a aplicação da pena, uma «tortura» que, em nome do devido processo, costuma durar muitos anos, e que na antecâmara da morte muitas vezes leva à doença e à loucura.

Nalguns âmbitos debate-se acerca do modo de matar, como se se tratasse de encontrar o modo «de o fazer bem». Ao longo da história, diversos mecanismos de morte foram defendidos porque limitavam o sofrimento e a agonia dos condenados. Mas não existe uma forma humana de matar outra pessoa.

Atualmente não só existem meios para reprimir o crime de modo eficaz sem privar definitivamente quem o cometeu da possibilidade de redimir-se (cf. *Evangelium vitae*, 27), mas desenvolveu-se também uma maior sensibilidade moral em relação ao valor da vida humana, suscitando uma crescente repugnância da pena de morte e o apoio da opinião pública às diversas disposições que têm por finalidade a sua abolição ou a suspensão da sua aplicação (cf. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 405).

Por outro lado, a pena da prisão perpétua, assim como as que pela sua duração incluem a impossibilidade para o condenado de projetar um futuro em liberdade, podem ser consideradas penas de morte ocultas, dado que com elas não se priva o culpado da sua liberdade, mas procura-se privá-lo da esperança. Mas, mesmo se o sistema penal pode dispor do tempo dos culpados, nunca poderá apoderar-se da sua esperança.

Como disse no meu discurso de 23 de Outubro passado, a pena de morte implica a negação do amor aos inimigos, pregada no Evangelho. «Portanto, todos os cristãos e homens de boa vontade estão chamados hoje a lutar não só pela abolição da pena de morte, legal ou ilegal, e em todas as suas formas, mas também a fim de melhorar as condições carcerárias, no respeito da dignidade humana das pessoas privadas da liberdade».

Queridos amigos, encorajo-vos a continuar com a obra que estais a realizar, porque o mundo tem necessidade de testemunhas da misericórdia e da ternura de Deus.

Despeço-me confiando-vos ao Senhor Jesus, que nos dias da sua vida terrena não quis que ferissem os seus perseguidores em sua defesa — «Embainha a tua espada» (Mt 26, 52) — foi capturado e condenado injustamente à morte, e identificou-se com todos os presos, culpados ou não: «Estava na prisão e viestes visitar-me» (Mt 25, 36). Ele, que diante da mulher adúltera não se interrogou sobre a sua culpabilidade, mas convidou os acusadores a examinar a própria consciência antes de a lapidar (cf. Jo 8, 1-11), vos conceda o dom da sabedoria, para que as ações que empreendereis a favor da abolição desta pena cruel, sejam oportunas e fecundas.

Peço-vos que rezeis por mim.

*Cordialmente.
Do Vaticano, 20 de março de 2015.
Francisco*

Crescimento da Igreja

Anuário estatístico revela crescimento da Igreja.

O número de católicos no mundo e o número de sacerdotes e diáconos permanentes cresceram ligeiramente em 2013, enquanto o número de homens e mulheres nas ordens religiosas diminuiu, revelam as mais recentes estatísticas do Vaticano, divulgadas em 25 de março. Pelo segundo ano seguido, o número de vocações também caiu.

Os dados estão no Anuário Estatístico da Igreja, cuja última edição foi completada em fevereiro, publicada neste mês e que reúne os números da Igreja no mundo inteiro até 31 de dezembro de 2013.

População católica

No final de 2013, a população católica mundial passou a marca de 1,253 bilhões, um crescimento de aproximadamente 25 milhões ou 2%, superando a taxa de crescimento da população global que, em 2013, foi estimada em 1%. Portanto, os católicos representam cerca de 17,7% da população global.

Assim como foi apresentado em anos anteriores, o Anuário estima que cerca de 4,8 milhões de católicos não foram incluídos nas estatísticas porque vivem em países que não fornecem relatórios ao Vaticano como, por exemplo, China e Coreia do Norte.

As Américas concentram a maior porcentagem de católicos entre a população: 63,3%, seguidas pela Europa, com 39,9%. A Ásia tem a menor prevalência: 3,2%.

Em 2013 mais de 16 milhões de crianças e adultos foram batizados, revela o Anuário, que demonstra ainda uma tendência de queda no número de crianças batizadas como consequência das baixas taxas de natalidade na maioria dos países. “A proporção de crianças batizadas abaixo dos 7 anos em comparação ao número de católicos tem diminuído em todos os continentes desde 2008”, destaca um trecho do relatório.

Religiosos

Sobre o número de bispos, foram 40 a mais no período, cujo total subiu para 5,173. O número total de sacerdotes – diocesanos ou de ordens religiosas – no mundo inteiro cresceu de 414,313 para 415,348, com um crescimento estável dos sacerdotes diocesanos presentes na África, na Ásia e nas Américas – na Europa, todavia, este número continua a cair.

O número de diáconos permanentes – 43,195 – teve um incremento de mais de 1.000 em relação ao ano anterior. O número de irmãos religiosos caiu ligeiramente de um total de 55,314 no final de 2012 para 55,253 no final de 2013.

O número de mulheres em ordens religiosas segue a tendência de queda. O total de 693,575 irmãs e freiras, temporária ou permanentemente professas, registrado em 2013 sofreu um decréscimo de 1,2% no último ano, 6,1% desde 2008. A maior queda neste período de cinco anos foi verificada na América do Norte, com uma queda de 16,6%, seguida pela Europa, com um decréscimo de 12,6%.

O número de candidatos ao sacerdócio – em seminários diocesanos e ordens religiosas – que iniciaram os estudos de filosofia e teologia segue em linha decrescente.

O número de seminaristas caiu de 118,251 no final de 2013 quando comparado aos 120,051 do mesmo período de 2012. O número de seminaristas registra ligeira tendência de aumento a cada ano a partir de 2003 até 2011, quando eram 120,616 os vocacionados.

5 – Religiosos/as	
Caminho de Luz.....	466
Notícias diversas.....	468
6 – Património	
Santuário de S. Bento elevado a Basílica.....	470
Notícias diversas.....	476
7 – Educação da Fé	
Notícias diversas.....	477
8 – Apostolado dos Leigos	
Notícias diversas.....	479
9 – Pastoral Social	
Notícias diversas.....	481
10 – Memória	
Mons. Araújo Costa	483

3. DA SANTA SÉ

Jubileu da misericórdia	487
Assistência ao idoso e cuidados paliativos	493
Sacramento da Reconciliação	496
A pena de morte é inadmissível.....	501
Crescimento da Igreja.....	506

